



COLEÇÃO PROINFANTIL

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Ministério da Educação
Secretaria de Educação a Distância
Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil



COLEÇÃO PROINFANTIL

MÓDULO IV

UNIDADE 2

LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2

Karina Rizek Lopes (Org.)
Roseana Pereira Mendes (Org.)
Vitória Líbia Barreto de Faria (Org.)

Brasília 2006

Ficha Catalográfica

L788 Livro de estudo: Módulo IV / Karina Rizek Lopes, Roseana Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria, organizadoras. – Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006.
88p. (Coleção PROINFANTIL; Unidade 2)

1. Educação de crianças. 2. Programa de Formação de Professores de Educação Infantil. I. Lopes, Karina Rizek. II. Mendes, Roseana Pereira. III. Faria, Vitória Líbia Barreto de.

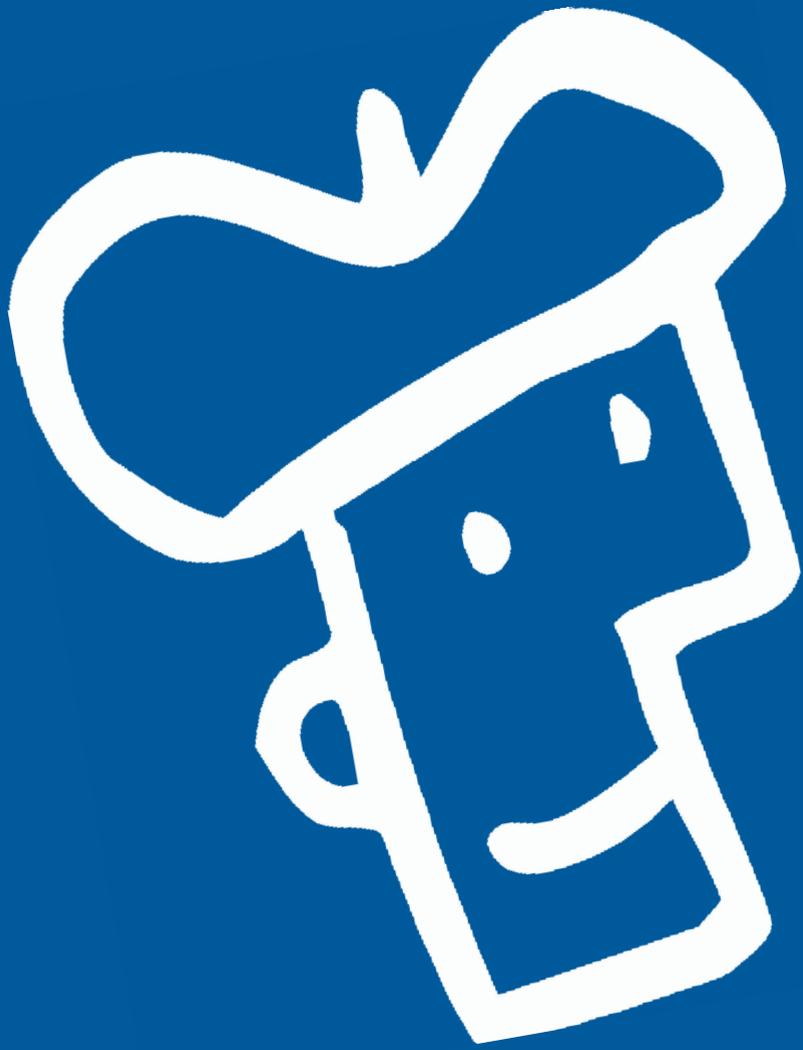
CDD: 372.2

CDU: 372.4

MÓDULO IV

UNIDADE 2

LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2



SUMÁRIO

B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS 8

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

PRINCÍPIOS PARA PLANEJAR: A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA..... 9

Seção 1 – As funções do planejamento no cotidiano – a importância da participação das crianças 13

Seção 2 – O planejamento no dia-a-dia: organização institucional e intencionalidade educativa..... 24

Seção 3 – Tipos de planejamento e formas de planejar 34

Seção 4 – A articulação da Educação Infantil com o Ensino Fundamental no planejamento institucional..... 39

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO: A CRIAÇÃO DE AMBIENTES DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO 47

Seção 1 – A organização do trabalho cotidiano: participação das crianças, integração e desdobramento das atividades ... 50

Seção 2 – O planejamento como recurso na organização do trabalho cotidiano 57

Seção 3 – Os projetos de trabalho 64

Seção 4 – Oficinas/ateliês: atividades diversificadas, organização de cantinhos, salas-ambiente 74

C - ATIVIDADES INTEGRADORAS 84

B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS



FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO PRINCÍPIOS PARA PLANEJAR: A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA

A produção de conhecimentos é um ato de liberdade, de autonomia, que só ocorre quando somos capazes de abandonar pré-conceitos em busca do novo. Ao nos perguntarmos sobre o “porquê” de nossa prática, realizamos um primeiro ato de autonomia.

Léa Tiriba¹



¹ Este trecho é do livro de Lea Tiriba (1992). *Buscando caminhos para a pré-escola popular*. Neste livro a autora narra o seu encontro com uma escola comunitária, em 1984, e fala da possibilidade de um trabalho com as crianças onde a produção do conhecimento era um ato de liberdade e não de opressão (p. 78)

ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

Olá, professor(a)!

Neste módulo, na unidade anterior, *procuramos compreender que o respeito ao direito das crianças à Educação Infantil se materializa cotidianamente como qualidade de vida, isto é, como qualidade das relações humanas e das vivências que transcorrem no espaço físico, nas rotinas, enfim, no dia-a-dia de crianças e adultos*. Para isso, precisamos valorizar a diversidade étnica, de gênero, religiosa e cultural em nossas atividades cotidianas. Ao mesmo tempo, é preciso prestar atenção nas singularidades físicas, emocionais e pessoais de cada criança, a fim de que se sintam escutadas e valorizadas como seres humanos.

Vimos também, no Módulo III, que o direito das crianças à Educação Infantil implica o direito a um espaço onde a qualidade física (saúde, limpeza, organização, luminosidade) se soma à **qualidade relacional**. Isso quer dizer que a acolhida, o aconchego e a escuta das necessidades e desejos das crianças precisam fazer parte do trabalho que realizamos com elas diariamente. A qualidade de vida no cotidiano relaciona-se com o reconhecimento das identidades ali presentes, as histórias de vida das crianças, a realidade de suas famílias, a acolhida de seus interesses, idéias e emoções. Enfim, a qualidade de vida do cotidiano das creches, pré-escolas e escolas também está relacionada à saúde, à valorização das identidades, das histórias de vida das crianças e dos adultos que trabalham com elas.

Nesse processo, trazemos a idéia da criança como protagonista. Ser protagonista é estar no lugar principal da trama ou da cena. A criança como protagonista ocupa o lugar principal no processo de educar e cuidar que temos discutido. Assim, assumir a criança como o ator principal do cotidiano da Educação Infantil implica planejar esse cotidiano levando em conta o ponto de vista da criança, seu jeito de conhecer e interagir com o mundo à sua volta, seu modo de expressar-se através das mais diferentes linguagens.

Mas como assegurar o direito das crianças à expressão, como acolher as diferenças em ambientes e situações concretas nem sempre ideais? Com um grupo numeroso, em espaços nem sempre adequados (às vezes pequenos, outras vezes com poucos materiais, sem ventilação adequada), como valorizar as identidades das crianças, suas escolhas e particularidades?

Em algumas situações, queremos escutar as crianças, suas novidades e suas perguntas, mas não conseguimos, pois todas falam ao mesmo tempo. Em outros momentos, levamos uma história interessante para contar ou tentamos fazer um jogo coletivo, mas as crianças se atropelam e parecem não nos ouvir. O que pode nos ajudar?

A reflexão sobre a prática e a possibilidade de renovar o cotidiano, trazer novos ares, novas idéias, pensar junto e de modo crítico é um caminho a ser considerado. Essa foi a experiência vivida por Lea Tiriba (1992).

Na epígrafe deste texto, logo no início, encontramos a paixão por uma educação cidadã. Léa Tiriba (1992), no seu livro *Buscando caminhos para a pré-escola popular*, faz um emocionante relato de sua experiência em uma creche onde – um dia – se descobriu que era possível abrir as janelas. Abriam-se as janelas concretas de uma sala fria, para que o sol aquecesse e iluminasse um espaço marcado pela repetição. Abriam-se também janelas da alma e da possibilidade do novo, deixando penetrar no cotidiano da creche a cultura, a vida, o mundo! Ocorrida há mais de 20 anos, quando realidades adversas marcavam o trabalho das creches comunitárias no Brasil, a experiência com a creche comunitária do Parque Erédia de Sá é um convite à reflexão sobre as nossas práticas. Este é um dos livros sugeridos para leitura nesta unidade.



Pois bem, professor(a), neste texto vamos conversar sobre um recurso muito importante para o nosso trabalho: o planejamento. O planejamento é um recurso para a organização do espaço, do tempo, dos materiais, das atividades, das estratégias de trabalho que trazemos e das que surgem em nossa relação com as crianças. Quando planejamos, podemos garantir a presença de várias dimensões importantes do trabalho: o tempo para falar, para ouvir, brincar, ler histórias, desenhar, estar dentro das salas, fora delas, comer, descansar, escutar as crianças e promover o contato com o conhecimento legitimado e a cultura.

O planejamento pode ser uma rica contribuição aos fazeres diários com as crianças, pois permite a antecipação das atividades e seus desdobramentos, (isto é, a relação de uma atividade com a outra), e também ajuda na reflexão sobre o trabalho. Ao planejarmos as atividades, somos levados a pensar: por que estamos propondo cada uma delas? Como articular as atividades do nosso grupo de crianças com o planejamento da instituição? Como ampliar os interesses das crianças com quem trabalhamos, trazendo desafios das diferentes áreas do conhecimento, por exemplo a matemática ou as ciências? Como construir estratégias para superar os obstáculos que se colocam em nosso caminho (espaço pequeno, pouco material)? Como o espaço e o tempo podem ser planejados tendo em vista que algumas crianças passarão o dia todo na instituição de Educação Infantil? Por fim, planejar é refletir sobre o que fazemos para proporcionar qualidade aos momentos que passamos juntos, crianças e adultos, nas creches, pré-escolas e escolas. Como diz Henri Giroux:

Muito da luta pedagógica consiste exatamente nisso: testar as formas pelas quais produzimos significados e representamos a nós mesmos, nossas relações com os outros e com o ambiente em que vivemos. Assim procedendo, fazemos uma avaliação do que nos tornamos e do que não mais desejamos ser. Também nos capacitamos a reconhecer as possibilidades ainda não concretizadas e a lutar por elas. (1997, p. 252).

DEFININDO NOSSO PONTO DE CHEGADA

Professor(a), no dia-a-dia com as crianças você enfrenta muitos desafios. Provavelmente, um deles diz respeito a como organizar o trabalho levando em conta as experiências que as crianças trazem de suas vidas, suas casas e suas famílias. Outro desafio é lidar de forma significativa com diferentes áreas culturais e do conhecimento, como a literatura, a música e a ciência.

Consideramos importante escutar as histórias que as crianças têm para contar, as danças e músicas que inventam, as hipóteses que levantam sobre a vida dos animais, sobre a organização do tempo.

Por outro lado, também é fundamental que elas possam ter contato com os **saberes legitimados** da ciência, da matemática e da história e com os **suportes culturais** da nossa sociedade, ou seja, as músicas, obras literárias, pinturas e artesanatos. O planejamento é o instrumento que ajuda na organização do diálogo entre as expressões infantis e a **cultura vigente** no mundo social mais amplo. Além disso, ele também contribui para que você possa contornar dificuldades de organização do trabalho (por exemplo, se você tem muitas crianças e pouco material, pouco espaço, dentre outras).



Priscilla Silva Nogueira

Então, neste texto, pretendemos analisar a importância do planejamento, apresentando alguns elementos importantes na sua organização. Nossos objetivos principais são:

- *Compreender o conceito de planejamento e alguns princípios que devem nortear sua elaboração e implementação.*
- *Considerar a importância do planejamento para organizar momentos da rotina (o lanche, a entrada, o banho) e o cotidiano das crianças que frequentam o horário integral.*
- *Conhecer diferentes tipos de planejamento e maneiras de organizar previamente as ações, tendo em vista a intencionalidade educativa e a continuidade do trabalho pedagógico.*
- *Pensar o planejamento institucional como possibilidade de prever e organizar ações visando a articulação da Educação Infantil com o Ensino Fundamental.*

CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Professor(a), este texto está organizado em quatro seções: na Seção 1 discutiremos o conceito de planejamento e como ele pode contribuir com o nosso trabalho, uma vez que ajuda a contornar dificuldades. Também, consideramos a importância da participação das crianças em sua elaboração; na Seção 2 buscaremos compreender como podemos planejar o trabalho tendo em vista a intencionalidade educativa de nossas propostas; na Seção 3, vamos nos deter em alguns tipos de planejamento e formas de planejar, ressaltando a importância de levarmos em conta a continuidade entre as experiências no dia-a-dia do trabalho; e na Seção 4, focalizaremos a importância de considerar, no planejamento, a continuidade entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental.

Seção 1 – As funções do planejamento no cotidiano – a importância da participação das crianças

**O OBJETIVO DESTA SEÇÃO É:
COMPREENDER O CONCEITO DE PLANEJAMENTO
E ALGUNS PRINCÍPIOS QUE DEVEM NORTEAR SUA
ELABORAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO.**



Professor(a), com certeza, no dia-a-dia você vive várias situações que envolvem o ato de planejar. Geralmente temos a sensação de que nossas experiências terão mais sucesso se planejarmos tudo antes de realizá-las!

Em viagens, saídas para compras e outras tantas ocasiões de nossas vidas, buscamos planejar, ou seja, fazer projetos antes de mergulharmos na experiência! Trata-se da necessidade de fazer um plano antes da ação!

O barco

A terra avistada a oeste da ilha era agora uma tentação constante. Por que não procurar alcançá-la? Poderia deparar-me com selvagens, é verdade. Mas não era menor a probabilidade de ser habitada por espanhóis. E, se não fosse, poderia contorná-la, na direção norte, ou mesmo sul, até encontrar gente da minha raça. Anos atrás, eu já navegara perto da costa quase umas mil milhas, fugindo dos mouros em busca de socorro, não custava tentar repetir a façanha.

Precisava de um barco. Grande e seguro. Resolvi construir um.

Corria o quarto ano da minha estada na ilha. Gastei-o, quase todo, trabalhando o maior número possível de horas diárias no projeto da embarcação.

Escolhi a árvore com cuidado. Era um cedro alto, com um metro e oitenta de diâmetro na base, muito rijo. Derrubei a árvore e passei a trabalhá-la como um louco, embora minha pressa tenha acabado por me fazer esquecer de detalhes importantes. Com a plaina e a machadinha, dei-lhe forma externa de uma piroga, semelhante à dos selvagens brasileiros. A escavação da parte interna levou mais tempo, exigiu mais cuidados: queimava uma camada a ser extraída e depois a retirava com a plaina. Repeti pacientemente, durante dias e dias, a mesma operação: queimar, escavar... queimar, escavar...

Terminada a canoa, admirei-lhe as linhas, o corte de água, a leveza das formas, o tamanho conveniente. Tinha realizado um bom trabalho!

Só então me dei conta de que a embarcação estava muito longe da água. Grande e pesada, não conseguiria removê-la do lugar.

Fiquei muito aborrecido comigo mesmo. Como justificar tamanha distração? Fazer uma canoa, dedicando-lhe quase um ano de trabalho duro, sem pensar no jeito de jogá-la ao mar?

(DEFOE, 1996. p. 46-47)



Este fragmento que você acabou de ler faz parte do romance *Robinson Crusóe: a conquista do mundo numa ilha*, do escritor inglês Daniel Defoe. Náufrago e solitário em uma ilha do Pacífico, Robinson Crusóe desenvolve vários projetos para a sua sobrevivência. Na construção do barco, de acordo com o próprio personagem, foi a distração que impediu que o seu projeto fosse adiante. O que faltou para Robinson Crusóe? Fazer um plano antes da ação? Ter alguém para compartilhar seu projeto, alguém que o ajudasse a ter outra visão?

O que levar em consideração ao planejar a nossa ação educativa? O que podemos fazer para construir um barco que depois possa ser lançado ao mar? Ou seja, como fazer um plano antes da ação que efetivamente favoreça a interação entre as crianças, a construção do conhecimento? Como dar conta no planejamento de um cotidiano tão dinâmico? Como organizar experiências significativas para as crianças?

Segundo Luciana Ostetto (2000, p. 177), *o planejamento marca a intencionalidade do processo educativo*. Essa intencionalidade está presente na elaboração do planejamento: nas escolhas que fazemos, nos caminhos que traçamos. Um trabalho de qualidade na Educação Infantil precisa levar em conta a intencionalidade na realização das propostas e, conseqüentemente, a elaboração do planejamento se faz necessária. Essa elaboração pode variar de professor(a) para professor(a), pois aí estão implicadas concepções de criança, infância, Educação Infantil e do significado do próprio planejamento em si.

Muitas vezes na elaboração do planejamento a ênfase recai sobre o “pedagógico”. O planejamento contempla apenas aquelas atividades por meio das quais se estaria ensinando algum conteúdo. Assim, planejam-se momentos específicos, sem considerar o que realmente acontece no cotidiano da creche, pré-escola ou escola. As discussões que temos feito até aqui, nos três módulos anteriores, ajudam a entender que o caráter pedagógico, a ação educativa, envolve todo o cotidiano, pois:

Elaborar um “planejamento bem planejado” no espaço da educação infantil significa entrar na relação com as crianças, mergulhar na aventura em busca do desconhecido, construir a identidade de grupo junto com as crianças. Assim, mais do que conteúdos da matemática, da língua portuguesa e das ciências, o planejamento na educação infantil é essencialmente linguagem, formas de expressão e leitura do mundo que nos rodeia e que nos causa espanto e paixão por desvendá-lo, formulando perguntas e convivendo com a dúvida. (OSTETTO, 2000, p. 190).

Assim, entender o planejamento como um plano antes da ação e o pedagógico como algo que permeia todas as ações que fazemos para e com as crianças – as

brincadeiras, o banho, a alimentação, o sono, as descobertas – significa levar em conta todos esses momentos na elaboração do planejamento. Pensar em como cada um desses momentos do cotidiano pode ser tanto significativo para a criança como também significado por ela.

Mas o que é significativo para a criança? Como perceber quais situações e propostas são realmente interessantes e relevantes para a criança? Estas são reflexões que estaremos fazendo e descobrindo juntos nestes dois textos da Unidade 2 do Módulo IV. Agora, com a próxima atividade, vamos refletir um pouco sobre a elaboração do seu planejamento:



ATIVIDADE 1

a) Na sua prática cotidiana com as crianças, você faz um planejamento? Gostáramos que você refletisse sobre esse processo a partir das perguntas abaixo:

- 1. Como é feito o planejamento? Em grupo? Individualmente?*
- 2. O planejamento é feito por você, para sua turma?*
- 3. Há um projeto institucional que norteia o planejamento? Ele tem definições prévias ou cada professor(a) é livre para fazer o seu planejamento?*
- 4. Há uma listagem de objetivos a serem alcançados?*
- 5. O planejamento se estrutura a partir de datas comemorativas? De uma listagem de atividades? De centros de interesse? De áreas do conhecimento (matemática, linguagem, música)? Outro tipo de planejamento?*



Você pode anotar as respostas no seu caderno e conversar com o seu grupo de encontro quinzenal do PROINFANTIL sobre como cada professor(a) faz o seu planejamento.

b) Depois de pensar em como está estruturado o seu planejamento, anote no seu caderno o que você considera como problema ou dificuldade para a realização do seu planejamento.

Muitas vezes, no entanto, apesar de termos planejado, lidamos com situações imprevistas. Principalmente no trabalho com a criança pequena, estamos diante da infância que é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas (LARROSA, 2003). Por isso, o imprevisto é previsto e, não mais que de repente, podemos estar abertos para uma abelha que entra pela janela, a chuva

que cai, o sol que se esconde atrás das nuvens, o sentimento por uma avó que se foi, o brinquedo que quebrou.

Diante do imprevisto, desse algo que não antecipamos em nossa mente, o que decidir? Manter o plano original ou modificá-lo? Se modificarmos, como retomá-lo depois? A organização depende de uma reavaliação constante. Planejar, na verdade, é re-planejar sempre, principalmente se levamos em conta as dificuldades, os imprevistos e as surpresas do caminho! Muitas vezes, também, ao surgir um imprevisto, ou um acaso, podemos simplesmente parar e aprender com ele:

Uma esperança

Aqui em casa pousou uma esperança. Não a clássica que tantas vezes verifica-se ilusória, embora mesmo assim nos sustente sempre. Mas a outra, bem concreta e verde: o inseto.

Houve um grito abafado de um de meus filhos:

– Uma esperança! E na parede bem em cima de sua cadeira! Emoção dele também que unia em uma só as duas esperanças, já tem idade para isso. Antes surpresa minha: esperança é coisa secreta e costuma pousar diretamente em mim, sem ninguém saber, e não acima de minha cabeça numa parede. Pequeno rebuliço: mas era indubitável, lá estava ela, e mais magra e verde não podia ser.

– Ela quase não tem corpo, queixei-me.

– Ela só tem alma, explicou meu filho e, como filhos são uma surpresa para nós, descobri com surpresa que ele falava das duas esperanças.

(LISPECTOR Clarice, 1998, p. 92)



Muitas vezes o planejamento pode contribuir para contornar imprevistos do cotidiano. Imagine que, ao pedir às crianças para desenharem o que mais gostaram de uma história contada, elas se atropelassem na mesa. Não cabe todo mundo! Esta situação pode ser um desafio que leva-nos a planejar uma estratégia diferente: oferecer também outros recursos para que cada criança expresse o que mais gostou da história. No planejamento passamos a prever um canto com massa e alguns papelões duros para que as crianças possam modelar personagens e objetos fora da mesa.



Priscilla Silva Nogueira



ATIVIDADE 2

Você se lembra de algum imprevisto que tenha ocorrido com você ou no trabalho com as crianças? O que aconteceu? Que caminhos o imprevisto possibilitou ou impediu?

Além de lidar com os imprevistos, o planejamento também pode ser um instrumento para repensarmos situações mais complicadas, como um grupo grande de crianças, num local que não foi construído para atender meninos e meninas de 0 a 6 anos. Diante de uma situação semelhante, vejamos as alternativas pensadas por Maria e Joana, professoras de crianças de 4 anos.

Cena 1

Joana é professora de um grupo de 25 crianças de 4 anos. Quando chegam na escola, as crianças sentam no corredor e ficam esperando todos os outros amigos chegarem para que possam entrar na sala juntos, de forma organizada. Na sala, ao iniciar a rotina, fazem uma roda, onde cada criança fala por sua vez, sempre na mesma ordem. Em seguida, a professora faz a chamada, pedindo que cada criança coloque o seu nome no quadro de pregas. Depois, convida uma criança para preencher a "janelinha do tempo", perguntando se chove ou faz sol lá fora. Como é o dia da árvore, em seguida a professora entrega um desenho mimeografado com uma árvore. Como não há mesas e cadeiras para todos, três crianças dividem a sua cadeira com um amigo. Enquanto as crianças pintam, a professora está na sua mesa, preenchendo uns papéis.

Chega a hora do lanche. As crianças fazem uma fila e vão para o refeitório. O cardápio é banana. A professora descasca as bananas e coloca uma em cada prato. Depois do lanche, as crianças saem em correria para o pátio. Joana tenta controlar as crianças, mas num minuto já estão todas lá fora. Enquanto brincam no pátio, a professora fica vigiando para que não se machuquem.

Depois, voltam para a sala e Joana conta uma história, cada um pega a sua mochila e vai para casa.

Cena 2

Maria trabalha na mesma escola de Joana e também com um grupo de 25 crianças de 4 anos.

Quando chegam, as crianças penduram a mochila e podem entrar na sala. Maria organiza a cada semana diferentes materiais em cima das mesas (arrumadas em pequenos grupos) para que as crianças possam explorar nesse momento. Num conjunto de mesas há gibis. Noutro, tampinhas plásticas e caixas de papelão; ainda noutro, massa de modelar. Maria organizou a sala fazendo um canto com bonecas, panelinhas e móveis feitos com papelão. Também no corredor (para aproveitar o espaço que é pequeno na sala) ela colocou uma prateleira com alguns jogos que podem ser usados nesses momentos. As crianças se distribuem livremente nessas atividades até que todas cheguem. Então, ela faz uma roda, onde a cada dia alguns amigos contam coisas que fizeram em casa, planos para o futuro. Maria está sempre atenta para que todos participem, mas não é obrigatório falar todos os dias. Em seguida, ainda na roda, ela lembra às crianças o que tinham combinado para terminar naquele dia: a confecção de alguns ônibus com sucata. No dia anterior, cada um juntou com cola e fita adesiva diferentes tipos de caixa e objetos para fazer seu ônibus. Faltava pintar. Mas não havia lugar para todo



mundo, pois só tinham três potes de tinta. Então combinaram que cada três crianças iriam pintar, enquanto as outras jogariam ou desenhariam (elas pegaram os jogos da memória e os quebra-cabeças na prateleira do corredor). Na hora do lanche, foram juntas para o refeitório (a regra é ninguém se separar, mas não precisa fazer fila). Maria sugere que descasquem suas bananas e se sirvam sozinhos. Em seguida, vão para o pátio. Maria leva o giz para fazer amarelinha no chão. Ela também se diverte brincando. Enfim, voltam para a sala, uma história é contada por uma das crianças, eles fazem combinações para o dia seguinte e tchau!

Podemos perceber distinções nos trabalhos das duas professoras. Na Cena 2, o planejamento serve para garantir a qualidade de vida e o calor do encontro entre as crianças e delas com os adultos, mesmo numa sala apertada. Esta segunda cena mostra a possibilidade que as crianças têm de escolherem atividades, fazerem o ônibus do jeito delas, tendo suas ações, idéias e expressões valorizadas. Isso faz com que as experiências sejam significativas, alegres e ricas. A professora Maria usa o planejamento para diversificar as propostas e contornar os obstáculos, como a pequena quantidade de tintas ou a falta de espaço.

Talvez a professora da Cena 1 sinta-se sem motivação diante das dificuldades, achando que é preciso ter todas as crianças fazendo as mesmas coisas ao mesmo tempo como estratégia para controlar um grupo grande num espaço pequeno. Dessa forma, o cotidiano pode ganhar um tom enfadonho, repetitivo, arrastando-se de forma sempre igual, sem favorecer o contato da professora com as expressões das crianças e com as diferenças que compõem o grupo. O planejamento poderia ajudá-la a organizar atividades significativas, que pudessem favorecer a autonomia das crianças, valorizando a identidade delas, desviando-se de atropelos e confusões.



ATIVIDADE 3

- a) *Professor(a), que desafios o seu trabalho traz no sentido de acolher a diversidade das crianças ou dificuldades como as enfrentadas por Maria e Joana?*
- b) *Que alternativas você poderia pensar para enfrentar esses desafios?*

Anote suas idéias no caderno. Pode ser muito interessante compartilhar essas soluções com as seus(suas) colegas de instituição ou mesmo do PROINFANTIL.



Podemos concluir que planejar é importante porque nos ajuda a dar vida ao dia-a-dia. Ajuda a escutar as crianças e considerar suas diferenças.

Se Joana ou Maria (professoras das Cenas 1 e 2) tivessem as crianças em horário integral na creche ou na pré-escola, novos desafios seriam colocados e outras funções poderiam ser atribuídas ao planejamento: como organizar o almoço, possibilitando às crianças servirem-se sozinhas, com o apoio de adultos, mas sem que eles façam tudo por elas? Como encaminhar o repouso após o almoço, garantindo que todas as crianças possam ter um espaço aconchegante para descansar? Ao mesmo tempo, como podemos respeitar os maiores, que não têm mais necessidade de dormir depois da refeição, abrindo possibilidades para que brinquem ou folheiem revistas, enquanto os outros dormem? Como vimos na Unidade 8 do Módulo III, ao estudar as questões relacionadas à rotina, é fundamental levar em conta o ritmo de cada criança, suas necessidades e diferenças. Assim, são muitos os desafios que o planejamento institucional e pessoal podem nos ajudar a enfrentar. Sobre o horário após o almoço, a equipe poderia fazer um revezamento para acompanhar as crianças que não dormem. Planejamento é também uma forma de organização coletiva.

No dia-a-dia da Educação Infantil, o planejamento pode ser vivido basicamente de duas formas: ou ele é rígido, isto é, tudo (ou quase tudo) o que é previsto é vivido exatamente como foi pensado; ou ele é flexível, aberto à contribuição das crianças, aos acontecimentos imprevistos e significativos para o grupo.

É importante considerarmos que cada uma dessas visões tem concepções diferentes de criança e de conhecimento. Ou seja, a forma como planejamos relaciona-se com o que pensamos sobre o papel da criança no cotidiano e como entendemos o conhecimento no dia-a-dia. Aqui entram em cena as concepções mais amplas de criança e de conhecimento que você estudou no Módulo II.

Geralmente, num planejamento rígido, as práticas são formuladas somente a partir das definições dos adultos. Eles estabelecem temas, atividades e rotinas sem a participação das crianças.

Essas práticas correm o risco de assumir um tom de imposição, com ênfase na transmissão de informações e ordens dos adultos, professores(as) e educadores(as), para as crianças. Os adultos definem o que as crianças devem fazer. Nesse tipo de situação, está em jogo uma idéia de criança incompleta, cujo crescimento depende das ações dos adultos sobre ela. O conhecimento é entendido como algo que está pronto no mundo e a criança deve apenas assimilar ou repetir, desconsiderando sua capacidade de ser produtora de cultura e de conhecimento. Conseqüentemente, não há espaço para a imaginação e a fantasia, restringindo a possibilidade de invenção, de criação, característica fundamental da criança.

Entender a criança como protagonista implica, então, entender o lugar do adulto no planejamento. Por um lado, ter a criança no centro da cena não quer dizer que o adulto deva abdicar do seu lugar de adulto, da sua autoridade. Ou seja, a experiência de vida do adulto lhe concede uma autoridade que é fundamental para que a criança se sinta segura para ser criança. Por outro lado, quando, ao invés de sustentada pela autoridade, a relação entre adultos e crianças está pautada no autoritarismo, esse espaço de ser criança fica limitado. O planejamento deve ser um espaço em que o adulto exerça a sua autoridade, ou seja, que possa trazer sua experiência de vida. Exercer autoridade sem ser autoritário significa abrir espaço para as idéias das crianças no planejamento.

Numa visão de planejamento aberto à participação das crianças, o cotidiano se define de modo vivo, construído pelos adultos no diálogo *com* as crianças. Neste cenário, considera-se a criança um sujeito social, com idéias e movimentos que contribuem na organização da vida coletiva, participante de relacionamentos de troca com adultos e outras crianças. As invenções da criança são valorizadas, abrindo espaço para a diferenciação, ao invés de somente repetição do que o adulto espera dela. O conhecimento é entendido como recriação da criança em contato ativo e participativo com a realidade na qual ela está mergulhada. Como na música *Aquarela*, de Toquinho e Vinicius de Moraes, é fundamental que a Educação Infantil seja um espaço para a imaginação e a fantasia da criança:

Aquarela

*Numa folha qualquer
Eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão
E me dou uma luva
E se faço chover
Com dois riscos tenho um guarda-chuva
Se um pinguinho de tinta
Cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino
Uma linda gaivota a voar no céu
Vai voando,
Contornando a imensa curva norte-sul
Vou com ela viajando
Havaí, Pequim ou Istambul*



*Pinto um barco à vela,
 Branco, navegando,
 É tanto céu e mar num beijo azul
 Entre as nuvens vem surgindo
 Um lindo avião rosa e grená
 Tudo em volta colorindo
 Com suas luzes a piscar
 Basta imaginar e ele está partindo,
 Sereno, lindo,
 E, se a gente quiser,
 Ele vai pousar.*



Toquinho/Vinicius de Moraes

Vamos organizar as idéias relacionadas aos dois modos de planejar o trabalho com a criança de 0 a 6 anos:

Planejamento		
	Rígido/Fechado	Flexível/Aberto
Visão de criança	Num planejamento rígido está implicada uma visão de criança incompleta, passiva; um ser em falta e em constante preparação para o futuro.	Num planejamento flexível, a criança é considerada um sujeito social, crítico e criativo.
Visão de conhecimento	O conhecimento já está pronto. O planejamento organiza situações de repetição e absorção de conteúdos.	O conhecimento é construído nas relações, espaço privilegiado de imaginação e criação.





ATIVIDADE 4

Olhando para a sua própria prática, como você identifica o seu planejamento? Ele é mais rígido, fechado às intervenções das crianças? Ou é um planejamento flexível, aberto para o que você observa ser significativo para as crianças?

Seção 2 – O planejamento no dia-a-dia: organização institucional e intencionalidade educativa

**O OBJETIVO DESTA SEÇÃO É:
CONSIDERAR A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO
PARA ORGANIZAR MOMENTOS DA ROTINA E O
COTIDIANO DAS CRIANÇAS QUE FREQUENTAM O
HORÁRIO INTEGRAL.**

Na seção anterior, esclarecemos que, ao elaborarmos o planejamento, precisamos acolher os imprevistos e a participação das crianças. Mas há também outros importantes fatores a considerar.

Primeiramente, o planejamento é uma construção do(a) professor(a) consigo mesmo (suas idéias e anotações) e com seu grupo de crianças. É também fruto de uma discussão e elaboração mais ampla, envolvendo toda a instituição. Quando planejamos o trabalho cotidiano, levamos em conta também o planejamento coletivo, os combinados com outros membros de nossa equipe, os projetos comuns.

Vamos pensar num exemplo que mostra a importância de conectarmos o planejamento de nosso trabalho com o planejamento da instituição. Antes do primeiro dia de atividades, no início do ano, costumam surgir várias necessidades e questões. Muitas vezes, a equipe decide que teremos duas semanas de acolhimento e recepção das famílias (mesmo que não sejam crianças novas na instituição). Ao mesmo tempo, precisamos saber o nome das crianças, onde moram e outras informações importantes. As crianças também precisam se conhecer entre si e conhecer os adultos que trabalham com elas, o espaço em que passarão boa parte do seu dia, onde enfrentarão o desafio de ficar longe da família por mais tempo.

Se não organizamos um plano no qual essas e outras necessidades estejam presentes, podemos nos atrapalhar. Aí entra o planejamento. Com ele, podemos prever os momentos de troca com o restante da instituição (lanches que combinaremos com outros grupos, café da manhã com as mães) e as atividades que viveremos no nosso grupo, por exemplo, uma brincadeira em que cada um apresente seu nome. Podemos fazer um crachá com o nome escrito da criança e

um auto-retrato dela, ou seja, ela mesma pode se desenhar. Depois, cada uma desenha sua casa com as pessoas com quem mora. Enfim, planejamos atividades que possam dar conta das necessidades desse momento.

Muitas vezes os(as) professores(as) planejam uma festa coletiva, como por exemplo no dia das crianças. Neste caso, é fundamental uma organização coletiva que garanta a participação singular de cada grupo.



É preciso atenção ao seguinte: trabalhar com um planejamento flexível não significa que não é preciso registrar as experiências ou que não é importante que algumas situações se repitam a cada dia! Também, o diálogo com as expressões culturais de nossa sociedade e com as diferentes áreas do conhecimento precisa ser assegurado no planejamento!

Um planejamento rígido, fechado para as intervenções das crianças, geralmente é produzido em forma de lista de atividades que se repetem todos os dias da mesma maneira. O papel do(a) professor(a), nesse caso, é controlar as crianças para que realizem todos os eventos previstos. Como já vimos, neste caso, as crianças são consideradas seres passivos, determinadas pelas ações dos adultos somente.

O que podemos concluir, então, é que um planejamento flexível, aberto aos imprevistos, às sugestões das crianças e ao que está ao nosso redor mostra-se mais adequado ao trabalho na Educação Infantil.

Como registrar esse plano de ação? Ou seja, como podemos registrar o planejamento? Essa organização pode ser pessoal ou ser um modelo da instituição. A seguir, sugerimos duas formas de registro:

- Registrar as atividades a serem realizadas e a rotina em forma de lista, especialmente prevendo o que precisa acontecer da mesma forma todos os dias.
- Fazer o registro em forma de texto, dando visibilidade às interações das crianças, às suas idéias, aos significados que se constituem nos contatos diários (das crianças entre si, delas com os objetos, dos adultos com as crianças).

Se trabalharmos somente com a lista de atividades, deixamos de lado a consideração dos acontecimentos cotidianos, impedindo que apareçam as expressões de vida do grupo. Se trabalharmos só com registros em forma de texto, revelando apenas detalhes de alguns momentos do dia, corremos o risco de não organizarmos o que se repete diariamente. O que se repete é fundamental na construção de segurança e estabilidade na relação da criança com o espaço institucional. Nosso desafio é integrar as duas formas: a seqüência que, em geral, se repete e aquilo que é singular e diferente em cada dia. Esse desafio é registrado por Renata:

Rotina bem planejada

Apesar do corre-corre do meu dia-a-dia, consigo planejar a minha rotina de trabalho de uma forma equilibrada. Fico satisfeita.

Primeiro planejo a semana com relação ao "geral" e, diariamente, vou revendo o planejado e fazendo as alterações necessárias.

Um ingrediente fundamental para deixar a minha rotina estimulante é lançar desafios. Poucos por vez, mas pelo menos um por semana. Qual a meta a ser atingida? Isto me faz pensar, rever, vibrar. Sinto-me alimentada, mesmo que a solução não venha, não seja definitiva.

Procuro conhecer as pessoas que me rodeiam e saber como agir com cada uma. Somos todos diferentes, nem sempre o que deu certo com uma dará com a outra.

Estar consciente desse processo da minha rotina é o que me tem feito vivê-la com certa tranquilidade.

Ainda preciso registrar este meu planejamento mais sistematicamente e mais organizado. Aí vai o desafio desta semana.

(AMERICANO Renata, 1998)



Vejam os seguintes exemplos de planejamento estável de um grupo de crianças de 3 e 4 anos de período integral:

A rotina

Das 7:00h às 7:30h – entrada e organização da sala (escolher brinquedos, arrumar os cantos).

Das 7:30h às 8:30h – as crianças chegam (brincam e conversam – estar atenta ao que falam, do que brincam).

Às 8:30h – lanche (que comentários as crianças fazem nessa hora?).

Das 9:00h às 10:20h – roda de conversas e atividade combinada coletivamente (em geral, dentro de algum projeto vivido).

Das 10:20h às 11:20h – se for necessário, enquanto uma professora acompanha algumas crianças para o banho (de três em três), a outra conta história, brinca de roda, ouve música com os que já tomaram ou ainda tomarão banho.

Às 11:20h – almoço (anotações e registros no planejamento).

Às 12:20h – repouso (mudança de turno de professoras – anotações e registros no planejamento).

Às 13:00h – algumas crianças acordam (se estiver sol, vão para a área externa brincar, se não, ficam na sala – organizar o espaço de leitura e fantoches para esse momento).

Das 13:30h às 15:00h – conversa em roda sobre o que fizeram de manhã e atividade combinada coletivamente (podem brincar lá fora, dramatizar, fazer modelagem, ouvir histórias).

Às 15:00h – lanche.

Às 15:30h – banhos (a mesma dinâmica do momento do banho pela manhã acontece agora).

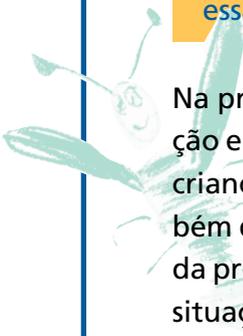
Às 17:00h – saída.



Agora vamos observar o seguinte trecho dos registros da mesma professora. Ela registrou acontecimentos do período entre 9:00h e 10:20h:

Papelões e cavernas: um novo rumo

Dia 12/03 – Hoje, trouxe para a roda papelões, bem grandes, como tinha combinado com as crianças ontem. A minha idéia era pintarmos o papelão de azul para fazermos juntos um céu. Quando o abri no meio da roda, Joana (uma das meninas do grupo) pegou nele, jogou para o alto e disse: “Parece o teto de uma caverna. Vamos fazer uma caverna, lá tem morcegos...” Fiquei paralisada. E agora? Abandono a idéia das tintas e da pintura? Respondi: “Podemos cortar um pedaço para fazermos o céu e outro para a caverna...” Pareceu que todos adoraram a idéia. Meu planejamento agora é o seguinte: dividir o grupão em dois ou mais subgrupos, trazer alguns livros que mostrem cavernas e os animais que ali vivem (morcegos, aranhas, etc.), pesquisar sobre a vida desses bichos. Depois, alguns vão fazer a caverna e outros o céu (amanhã trarei outro papelão grande). Eu tinha pensado em fazer isso num tom de azul que já escolhi, mas também vou compartilhar essa escolha com o grupo; só agora pensei nisso.



Na programação dos horários (no primeiro quadro), podemos ver a preocupação em estabelecer uma organização: variedade de espaços para circulação das crianças (dentro e fora das salas), tempo para necessidades das crianças e também da professora (registro, lanche), atividades com a participação mais direta da professora e outras em que ela mais observa do que intervém, dentre outras situações que mostram uma tentativa de equilibrar fechamentos e aberturas, além de situações múltiplas.

Os registros em forma de texto são interessantes porque envolvem o relato do que aconteceu (o passado), as reflexões da professora sobre a experiência e as possibilidades que se abrem (o futuro). O planejamento do que pode ocorrer no futuro acontece a partir do que foi vivido. Podemos concluir que é importante considerar a continuidade entre as experiências. Ou seja, a fala das crianças e o interesse maior por uma história ou brincadeira gera pesquisas, desenhos e outras atividades ligadas a esse interesse.

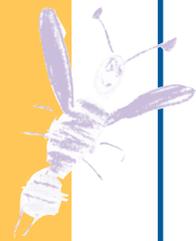
É possível ver como a professora lida com o imprevisto, integrando no trabalho a opinião e as observações vindas das crianças. Ao mesmo tempo, é possível ver a intenção da professora no sentido de potencializar as atividades das crianças, quando planeja pesquisar e ampliar o conhecimento delas sobre os objetos que lhes interessam (neste caso, as cavernas e os morcegos).



A intencionalidade educativa do planejamento diz respeito também a como relacionamos as expressões das crianças com os **conhecimentos sistematizados**. Se elas mostraram interesse por insetos, podemos pesquisá-los. É ocasião para a entrada dos livros científicos e informações especializadas. Podemos registrar o que queremos saber: o que comem esses bichos? Têm veneno? Quais são suas cores? As crianças apresentam sempre muitas perguntas. Essa experiência foi vivida por Amélia, professora de um grupo de crianças de 3 e 4 anos:

A abelha faz remédio ruim

O grupo estava atento à história contada por Amélia. De repente, um pequeno inseto apareceu, voando meio incerto entre o grupo. “É uma abelha!” As crianças ficaram agitadas e a história foi interrompida. Amélia, sob gritinhos e sustos das crianças, ajudou a abelha a sair pela janela. “Ela vai voltar; ela pica; ela dói; ela faz remédio ruim”. Os comentários levaram a uma roda de conversa sobre as abelhas antes de retomarem a história. Ficou combinado que o grupo ia procurar coisas sobre as abelhas para o dia seguinte. O resultado foi que, a partir da imprevista entrada da abelha, o grupo viveu várias experiências: conversaram com um apicultor, avô de uma das crianças; provaram mel; fizeram bolo de mel; provaram própolis, “o remédio ruim que a abelha faz”; descobriram os diferentes cheiros de produtos que a abelha produz: cera, mel e própolis.





ATIVIDADE 5

Em sua prática, você já viveu uma experiência semelhante a esta, em que o seu planejamento tenha sido alterado a partir de um interesse das crianças? Registrar esses acontecimentos é um exercício fundamental para o processo de reflexão e enriquecimento da sua prática docente com as crianças. Você pode aproveitar os registros – do estudo e da sua prática – para o Memorial e levar para as atividades do PROINFANTIL, em especial para o encontro quinzenal.

No planejamento, também podemos organizar os diferentes desafios que gostaríamos de propor ao grupo: numa semana podemos levar músicas clássicas e convidá-lo a um relaxamento, noutra fazer uma cadeira de contadores de história (quem sentar, tem que inventar um conto), noutra semana, levar um planisfério e procurar onde está nosso país.

O planejamento de atividades e de desdobramentos entre elas pode nascer tanto do reconhecimento dos movimentos das crianças (suas falas, brincadeiras) quanto de situações que nós, professores(as), queremos explorar, no sentido de ampliar o repertório do grupo (músicas, literatura, brincadeiras, folclore).

Por exemplo, uma brincadeira de heróis no quintal pode sugerir a presença de panos e papelões no dia seguinte para a produção de capas e escudos e a pesquisa de heróis brasileiros e regionais; ou o interesse grande por uma história de bruxa pode conduzir a uma pesquisa de diferentes bruxas ou a produção de painéis. A presença de instrumentos para massagens (bolinhas de madeira e de borracha, escovas de diferentes texturas, entre outros) pode suscitar sessões de massagens entre as crianças ou a utilização do mesmo material para construir uma cidade. O que ocorre no pátio pode afetar o que planejaremos em nossos projetos.

Uma prática que considera o diálogo com as crianças, que está atenta às manifestações delas (GUIMARÃES, 2003), confirma a



Eugênio Sávio

importância da linguagem e a valorização das crianças, pois assim elas podem se sentir autoras dos projetos cotidianos, juntamente com o(a) professor(a) e todos os envolvidos nas atividades. Paralelamente, o lugar ativo do(a) professor(a) também é preservado, quando ele(a) promove integração com os projetos institucionais e com as diferentes áreas do conhecimento, desenvolvendo propostas em sintonia com os movimentos das crianças.

Se, por um lado, destacamos a importância de levar em conta as manifestações das crianças e os imprevistos do cotidiano (o que chamamos de situações abertas), por outro lado, no processo de planejamento, há situações fechadas. Ou seja, podemos dizer que há fechamentos necessários no dia-a-dia quando levamos em conta o fato de que algumas situações precisam se repetir. O importante é que os fechamentos possam ser sempre revistos no contato com os participantes das cenas cotidianas: crianças, famílias e educadores(as).

Como vimos na Unidade 8 do Módulo III:

- *a rotina tem grande importância na Educação Infantil, pois ela auxilia a criança a construir o conceito de tempo, que inicialmente é concebido como algo fragmentado e não como um todo. É por meio da regularidade da rotina que a criança localiza-se no tempo, no espaço e nas atividades da instituição. É este mesmo aspecto que permite que a rotina se abra para o novo, para o diferente, sem se tornar monótona, repetitiva. Cabe a nós, professores(as), planejarmos as atividades de modo a prover um dia prazeroso e significativo.*

Seria interessante reler os textos de FE e OTP da Unidade 8 do Módulo III e recordar um pouco mais o que foi abordado sobre a rotina nesses textos.

ATIVIDADE 6

No Módulo III, nas Atividades 1 e 2 do texto de OTP da Unidade 8, você teve a oportunidade de registrar e comentar a sua rotina no trabalho cotidiano com as crianças. Volte a essas anotações e, diante dessa rotina, assinale as situações que você considera abertas ou fechadas. O que tem mais no seu dia-a-dia: situações abertas ou fechadas?

Há situações que se repetem mais ou menos no mesmo horário todos os dias: a hora do lanche no meio da manhã ou da tarde, a hora da roda de conversa no início do dia, a arrumação do material da sala antes de ir embora, a escovação os dentes depois das refeições, o momento mais livre (sem participação direta do(a) professor(a) depois do lanche.





Priscilla Silva Nogueira

De fato, é importante no contexto da organização coletiva que tenhamos uma rotina definida. Afinal, geralmente há outros grupos para lanche e para brincar no pátio, por exemplo. Além disso, como estudamos na Unidade 8 do Módulo III, esses momentos contribuem na organização interna das crianças. É fundamental, especialmente para as menores, a possibilidade de anteciparem o que vai ocorrer através da rotina. Frequentemente dizemos às crianças e elas repetem: “vamos lanche agora e então brincar um pouco e depois a mamãe vai chegar”; ou quando já dominam a organização do dia, elas propõem: “depois da roda e antes do lanche, podemos brincar com a massinha?”. À medida em que podem prever o que vai acontecer, as crianças adquirem segurança no espaço e nos relacionamentos nele envolvidos.

Nosso desafio, no que diz respeito ao planejamento, é o seguinte: *como fazer da rotina necessária algo criativo e prazeroso?* Isto é, como preservar o que se repete no dia-a-dia (pois isso é importante para o funcionamento coletivo da instituição e para a organização interna das crianças) e, ao mesmo tempo, garantir que essas situações sejam significativas, prazerosas, tendo um “gosto bom”, não sendo somente o cumprimento de uma obrigação?

Outro exemplo: se não pensamos antes em como organizar os banhos (no caso de eles serem previstos em nossa rotina), corremos o risco de transformar esse momento em uma situação mecânica e desprazerosa ou numa bagunça geradora de brigas e atropelos.

O que as outras crianças podem fazer enquanto duas ou três tomam banho? Como o grupo pode brincar? Folheando livros, desenhando com certa autonomia, enquanto nos ocupamos do banho, momento tão importante para a acolhida e valorização de cada um? Como podemos também contribuir na construção de autonomia e cuidado de si com os que tomam banho, abrindo espaço para tirarem e botarem suas roupas, se ensaboarem, passarem xampu sozinhos, mas também olhando as crianças, conversando com elas, mostrando nossa atenção?

ATIVIDADE 7



Professor(a), o que seria necessário constar no planejamento de uma situação de lanche, por exemplo, a fim de garantir a valorização da autonomia da criança, fazendo dessa situação da rotina algo prazeroso e significativo?

Levando em consideração a possibilidade de fazer das situações fechadas espaços criativos e prazerosos, você destacaria alguma situação da sua rotina com as crianças que precisa ser repensada? Que situação é essa? Que alternativas podem ajudar para que esse momento seja significativo para as crianças com as quais você trabalha?

Refletindo sobre a importância desses momentos e a possibilidade que eles representam de lidarmos com a afetividade, o cuidado pessoal e a intimidade de cada criança, temos a chance de transformá-los em momentos prazerosos e não em momentos de espera, passividade e quase abandono das crianças que aguardam sua vez. Portanto, é fundamental planejá-los. É importante percebermos a relação que as diferentes situações do cotidiano têm entre si. As situações vividas adquirem significado quando falamos sobre elas e descobrimos as relações existentes, mesmo nos detalhes mais simples. Pois os detalhes são como passos que fazem o caminho, e sem o vestígio dos passos não há como ver o caminho:

Caminho

*Era um caminho que de tão velho, minha filha,
já nem mais sabia aonde ia...*

*Era um caminho
velhinho,
perdido...*

*Não havia traços
de passos no dia
em que por acaso o descobri:
pedras e urzes iam cobrindo tudo.
O caminho agonizava, morria
sozinho...*

Eu vi...

Porque são os passos que fazem os caminhos!

Mario Quintana

(www.marioquintana.blogspot.com)



Esta seção tratou da importância da intencionalidade educativa. Compartilhamos da visão do poeta Mario Quintana. Sem enxergar os passos não há como ver o caminho. Ou seja, quando planejamos, as intencionalidades de cada proposta, de cada atividade, são como os passos que fazem o caminho que compartilhamos com as crianças no cotidiano da Educação Infantil.

Seção 3 – Tipos de planejamento e formas de planejar

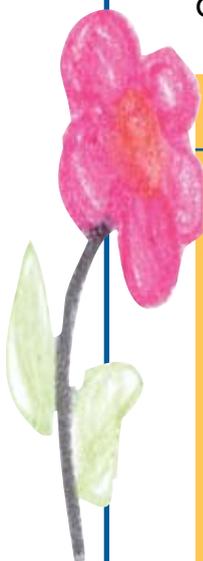
*O OBJETIVO DESTA SEÇÃO É:
CONHECER DIFERENTES TIPOS DE PLANEJAMENTO
E MANEIRAS DE ORGANIZAR PREVIAMENTE AS
AÇÕES, TENDO EM VISTA A INTENCIONALIDADE
EDUCATIVA E A CONTINUIDADE DO TRABALHO PEDAGÓGICO.*

Nas seções anteriores falamos que o planejamento é um recurso para lidarmos com os desafios do nosso cotidiano: como organizar o trabalho se temos poucas mesas ou mesas demais para um espaço que não é grande? Como contar histórias se temos poucos livros? Como escutar todos se temos muitas crianças? Como valorizar os momentos imprevistos e que despertam interesse nas crianças? Como trazer a cultura, os saberes legitimados, para o planejamento? Como fazer da rotina algo significativo e prazeroso?

Abrindo espaço

Numa sala pequena, Alice precisava de espaço para atividades mais movimentadas, principalmente em dias de chuva. Para as 20 crianças com as quais trabalha, cinco mesas estavam disponíveis na sala, porém ocupando um espaço precioso. Após discutir com outras professoras e com a coordenação, Alice optou por ter na sala apenas três mesas. Isso a desafiou a pensar em atividades diversificadas no seu planejamento. Quando um grupo está nas mesas, desenhando, por exemplo, outro grupo está brincando com fantoches, jogos, ou outros materiais. O novo espaço abriu novas possibilidades de movimento para o grupo, tão importante para as crianças de 3 anos.

Além de pensar em alternativas como as de Alice, é importante que o planejamento envolva a participação das crianças, como temos afirmado. No planejamento devem estar claras nossas intenções e devemos ter atenção para as idéias e emoções das crianças. Ao mesmo tempo, o planejamento deve garantir a relação com áreas do conhecimento e a cultura.



Outro ponto importante é o quanto o planejamento pode nos ajudar a garantir a diversidade de experiências no dia-a-dia. Se não registramos e organizamos o que vamos fazer, corremos o risco de propor sempre jogos ao grupo e menos histórias; ou o contrário, contamos sempre as mesmas histórias. Ou, ainda, oferecemos sempre materiais parecidos.

Enfim, planejar é garantir alternância, variabilidade, consideração das diversas dimensões e necessidades das crianças (ficar em grupo, ficar só, dormir, conversar, ler, brincar, desenhar).

ATIVIDADE 8

Vamos recordar um pouco do que estudamos até aqui.

Levando em consideração o que discutimos anteriormente, como você relacionaria os seguintes termos:

a) planejamento rígido e planejamento flexível;

b) situações fechadas e situações abertas.

Você pode registrar suas definições no caderno.

Na Seção 2, falamos sobre duas formas de registrar o planejamento, você se lembra? Registrar a rotina em forma de lista e também fazer o registro em forma de texto, dando visibilidade às manifestações das crianças. No entanto, sabemos que o planejamento é orientado também pela concepção que se tem do trabalho com a criança de 0 a 6 anos. Assim, no processo de construção das práticas na Educação Infantil, diversas formas de lidar com o planejamento das atividades com as crianças foram elaboradas. A seguir, vamos listar algumas dessas formas. Em cada forma podemos observar como é entendido o papel educativo das instituições que atendem às crianças pequenas, como são consideradas as crianças e o conhecimento. Em várias unidades dos módulos anteriores pudemos estudar concepções mais amplas sobre essas questões.

Planejamento guiado pelo calendário letivo

Nestes casos, os temas a serem trabalhados com as crianças relacionam-se com as datas festivas: Páscoa, dia das mães, dia das crianças, São João, Natal, entre outras. Geralmente, o(a) professor(a) faz seu planejamento buscando mostrar a importância dessas datas, fazendo objetos, desenhos, festas que as celebrem.



Com certeza, as datas festivas são importantes marcos de nossa vida social e momentos de integração entre família e instituição. Mas quando o planejamento focaliza essas datas de forma pré-concebida, o que acontece? Geralmente, os temas do trabalho se encontram determinados, antes do encontro entre educador(a) e crianças. Afinal, no mês de maio trabalhamos com o tema “mãe”, em junho com a festa junina, e assim por diante... Pouco espaço se abre para temas que possam nascer da experiência do grupo. Por outro lado, essas datas são dominadas pela mídia e pelo impulso ao consumo: comprar presentes, ter coisas novas, consumir objetos sempre novos. É preciso muita atenção para não reproduzir com as crianças e famílias essas práticas que valorizam mais o ter do que o ser.

Assim, mais do que pensar o que vamos comprar para nossa mãe no “dia dela”, seria interessante pensar o que queremos dizer a ela, como podemos fazer algo para ela: um café da manhã, um bilhete, um desenho.

Muitas vezes, as instituições consideram importante trabalhar exaustivamente as datas festivas e com isso não consideram outros interesses e possibilidades de trabalho com as crianças. Festejar o dia do pai, por exemplo, pode ser algo pensado de forma diferente, junto com as crianças. O planejamento ajuda a garantir isso.

Um dia de brincadeira

Rosângela é professora de crianças de 4 anos, numa pré-escola. Pensando em um dia dos pais diferente, perguntou às crianças o que gostariam de fazer: brincar! Foi a resposta. Por que não? Assim, em lugar de fazerem desenhos, lembranças, ensaiarem músicas e tudo mais, como faziam todos os anos, passaram a semana planejando “o dia de brincadeiras”. Fizeram bola de meia para jogar futebol; prepararam papel, linha, cola, varetas, para fazer pipa; inventaram jogos de perguntas.



Enfim, no final da tarde do esperado dia de brincadeiras, Rosângela ouviu de um pai: esse foi o melhor dia dos pais que eu já passei com o meu filho.

Ao mesmo tempo, é importante planejar ou prever como será a atividade, levando em conta as situações de crianças que vivem numa família em que o pai é ausente, crianças que moram com os avós ou que tenham um padrasto que ocupa esse lugar de pai. Em casos como estes, as crianças poderiam escolher alguém especial para levarem nesse dia de brincadeira. Se, por um lado, temos a oportunidade de fazer atividades que tragam a família para a escola, por outro, é fundamental estarmos sensíveis à situação de cada criança.

Planejamento por atividades

Neste caso, geralmente, as atividades são entendidas e realizadas com um fim em si mesmas, ou seja, no cotidiano são previstos momentos para que a criança desenhe, modele, recorte e cole, ouça histórias e brinque, por exemplo. Todas essas atividades são fundamentais, com certeza. No entanto, podemos perguntar: como se considera a continuidade entre elas? O desenho se relaciona com a história, ou o recorte e colagem têm a função de produzir algo coletivo? Ou são atividades desconectadas entre si, que acabam funcionando como se fossem um pacote, um produto, que a criança tem de consumir, uma coisa que o(a) professor(a) decidiu que é assim e pronto. Então as crianças têm de cumprir, mesmo que não as interesse naquele momento?

Planejamento por áreas do conhecimento

Nesta concepção, por exemplo, uma pesquisa sobre os bichos é vista como atividade de ciências, enquanto a exploração de jogos de montar, atividade de matemática. Com certeza, é importante que as diferentes áreas do conhecimento sejam focalizadas no dia-a-dia com as crianças, mas será preciso uma atividade para cada área? Na verdade, quando trabalhamos com atividades específicas para determinada área, muitas vezes tornamos artificial e mecânico o contato com o conhecimento. Esse contato pode ser significativo e intenso se pensamos que, numa pesquisa sobre animais, diferentes domínios do conhecimento estão em jogo (relação com diferenças e semelhanças: a matemática; relação com regra e com imaginação: a arte; entre outras relações). Embora aparentemente esse tipo de organização pareça dar à Educação Infantil um caráter pedagógico, a ênfase recai sobre os conteúdos e não sobre a relação da criança com a produção do conhecimento.

O planejamento baseado em temas

Neste tipo de planejamento, o “tema” direciona as propostas. Podem ser identificados como: *tema integrador*, *tema gerador*, *centros de interesse*, *unidades de experiência*. A partir do tema (que pode ser o *circo*, a *família*, a *preservação*

ambiental etc.), haveria a seleção de uma seqüência de atividades relacionadas entre si e de interesse da criança. É preciso cuidado para que a ênfase esteja nos conhecimentos que podem ser produzidos pelas crianças, e não nas atividades. Acontece também de a escola inteira trabalhar o mesmo tema, sem levar em conta os reais interesses das crianças de cada grupo.



ATIVIDADE 9

Olhando para a prática de planejamento da sua creche, pré-escola ou escola, o que você pode concluir sobre as questões abaixo?

a) Que modelo de planejamento acontece na sua instituição?

b) Qual o lugar da criança nesse planejamento?

Enfim, essas diferentes formas de organizarmos o planejamento das atividades na Educação Infantil apresenta diferentes eixos importantes: o conhecimento, as comemorações coletivas e as atividades plásticas e dramáticas. No entanto, quando tomados como modelos únicos de planejar, fragmentam, parcializam e artificializam o trabalho com as crianças. É preciso encontrar caminhos que considerem os aspectos que já apontamos nessa e em outras unidades: a consideração da criança como sujeito ativo e produtor de cultura, do conhecimento como algo a ser recriado com as crianças, a importância das experiências significativas e prazerosas; a valorização da diversidade, entre outros aspectos.

Atualmente, o trabalho com projetos tem surgido como uma interessante forma de lidar com temas que nascem da experiência com as crianças, de diferentes áreas do conhecimento e de diversas atividades, num movimento de produção de sentido coletivo. O(a) professor(a) pode propor um tema ou este pode partir de um interesse das crianças. O tema pode estar relacionado ao campo da ciência, da literatura, às experiências sócio-afetivas do grupo ou a outros campos (exemplos: o fundo do mar, nossos segredos, enigma, poesias, a história da vida das nossas mães). O tema pode inspirar experiências com várias linguagens e várias dimensões do saber. Por exemplo, num projeto do fundo do mar, podemos tanto pesquisar nos livros científicos quanto conhecer e cantar músicas do mar, ou ainda fazer nosso próprio mar com sucata, dentre outras possibilidades. No texto de OTP desta unidade vamos aprofundar o trabalho com projetos, mas vale apontar que neste modo de trabalho buscam-se experiências significativas, continuidade entre elas e abertura à participação ativa de todos.

Seção 4 – A articulação da Educação Infantil com o Ensino Fundamental no planejamento institucional

*O OBJETIVO DESTA SEÇÃO É:
PENSAR O PLANEJAMENTO INSTITUCIONAL COMO
POSSIBILIDADE DE PREVER E ORGANIZAR AÇÕES
VISANDO A ARTICULAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL
COM O ENSINO FUNDAMENTAL.*



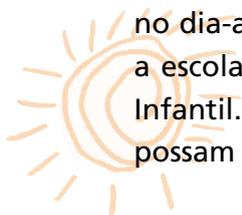
Depois de focalizarmos alguns aspectos fundamentais do ato de planejar o trabalho diário com as crianças, tipos de planejamento diferentes, tanto das atividades como das rotinas, vamos falar um pouco sobre a importância da continuidade entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental no planejamento institucional.

No Brasil, há diferentes experiências de passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, mas, de modo geral, percebemos uma grande falta de articulação entre os dois segmentos.

Na Educação Infantil há espaço e tempo privilegiados para o brincar e para a produção plástica (desenhos, pinturas, modelagens). No Ensino Fundamental, geralmente, privilegiam-se o conhecimento sistematizado (da ciência, matemática etc.), as atividades de leitura e escrita, entre outros. É como se terminasse o tempo do brincar e do prazer e se iniciasse o tempo do dever.

Proporcionar diálogos entre os dois segmentos é um desafio. É importante que as crianças percebam coerência e continuidade entre as propostas nos dois contextos. Por um lado, seria importante despertar os(as) professores(as) do Ensino Fundamental para a relevância do cuidado, da acolhida e da brincadeira, presentes no trabalho com as crianças até 6 anos. Por outro lado, como deixar de fora da Educação Infantil os conhecimentos sistematizados, considerando-os de forma significativa, ligados à vida das crianças? Será que o lugar do conhecimento é somente depois?

Enfim, precisamos lembrar, como vimos, especialmente no texto de FE da Unidade I do Módulo III, que na Educação Infantil as crianças não estão sendo preparadas para serem os alunos do Ensino Fundamental amanhã. No presente, elas têm direitos, produzem cultura, idéias e relacionamentos. Elas têm corpo, linguagem e expressões próprias que precisam ser consideradas no dia-a-dia. Mas isso não significa que podemos esquecer que elas vão para a escola, para a 1ª série ou para o primeiro ano do ciclo depois da Educação Infantil. É importante planejarmos essa passagem, de modo que as crianças possam se sentir acolhidas também na escola que as receberá.



Quando chegar o momento de ingressarem no Ensino Fundamental, é importante que as crianças continuem interessadas, mobilizadas e curiosas em relação ao mundo. O ambiente da Educação Infantil e tudo o que as crianças vivenciam nele pode ajudá-las a seguir assim nas primeiras séries do Ensino Fundamental.

Algumas situações são importantes a fim de preparar a criança para prosseguir na descoberta do mundo e do conhecimento. Uma delas é a pesquisa. Quando estimulamos as crianças a buscar nos livros ou com as pessoas conhecidas informações sobre o que querem saber, contribuímos para aguçar sua curiosidade, sua sede de conhecimento.-

Outro investimento precioso é o contato com diversos tipos de textos, especialmente com a literatura. No Ensino Fundamental, as exigências com relação à leitura e à escrita serão sistematizadas e mais fortes. Portanto, é fundamental que nosso planejamento na Educação Infantil favoreça o mergulho das crianças em textos ricos, provocadores, com imagens diversas. Estaremos aumentando o repertório delas e, assim, oferecendo recursos para que elas produzam seus próprios textos. Na Educação Infantil, quando pedimos que as crianças inventem histórias, registrando-as com seus desenhos, ou quando nós escrevemos os textos com as histórias que elas inventam, damos oportunidade para que façam relações entre personagens que já conhecem, utilizando o repertório colhido em histórias previamente contadas. Como na poesia de Mario Quintana (1980), o encontro com a leitura é encanto, alimento e liberdade!

Os poemas

*Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.
Quando fecha o livro, eles alçam vôo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhoso espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...*

Mario Quintana



No texto de OTP da Unidade 6 deste módulo, você terá oportunidade de estudar sobre práticas de leitura e escrita.

Enfim, nesta passagem, é fundamental que os profissionais de um segmento e de outro possam dialogar! Precisamos incluir esse diálogo no nosso planejamento. Vale conversar sobre do que gostam as crianças, como elas brincam, o que já pesquisaram, quais seus principais interesses, medos, prazeres e resistências. A fim de garantirmos experiências significativas para as crianças, é preciso que os profissionais que as acolhem possam explicitar e afinar suas utopias e desejos educacionais.

PARA RELEMBRAR

Enfim, professor(a), depois de percorrermos esta unidade, é importante que você se lembre das seguintes idéias:

- O planejamento é um recurso que nos ajuda a garantir a presença da diversidade, da escuta e participação das crianças no dia-a-dia.
- Não planejamos nosso trabalho sozinhos, mas com a participação das crianças e dos(as) colegas da instituição, para que possamos nos organizar, atendendo diferentes demandas: acolhida de todas as crianças, atenção às suas particularidades e trabalho com a cultura e com os conhecimentos sistematizados.
- O planejamento pode assegurar a presença dos conhecimentos sistematizados no dia-a-dia.
- O planejamento precisa garantir a realização de atividades significativas, a continuidade entre as atividades e a abertura de nossos planos às intervenções das crianças e de suas famílias.
- É importante planejarmos também os momentos de alimentação, sono e higiene, a fim de assegurar que não sejam mecânicos, frios, marcados pela espera e pela passividade.
- O planejamento deve englobar o presente e o futuro das crianças, garantindo relações com o Ensino Fundamental.



ABRINDO NOSSOS HORIZONTES

Orientações para a prática pedagógica

Para terminar, professor(a), é importante considerar o quanto o planejamento pode enriquecer suas atividades e facilitar o seu trabalho.

À medida em que você está registrando o que faz com as crianças e o que pretende fazer, vai criando uma memória do seu trabalho, vai deixando marcada a sua história e a do seu grupo. O conjunto dos seus planos revela o caminho percorrido num ano de trabalho, as trajetórias, as dificuldades, as surpresas e estratégias construídas.

No planejamento, abrimos também um canal de aprimoramento de nossa escrita, da relação entre o que pensamos, o que fazemos e o que escrevemos. Este pode ser um instigante desafio também! Quer dizer, o planejamento auxilia não só no seu trabalho com as crianças, como também contribui no seu próprio desenvolvimento profissional e pessoal.

Às vezes achamos que uma situação de nossa relação com as crianças é um obstáculo gigante. Mas quando nos comprometemos a escrever sobre a dificuldade, tentando registrar e enumerar formas de dar conta dela, percebemos que as coisas vão ficando mais claras. A escrita é um apoio, pois segura no papel as dúvidas e descaminhos, ao mesmo tempo em que ajuda a clarear as alternativas.

Outro ponto importante, professor(a), é que à medida em que planejamos situações significativas com as crianças, ficamos mais felizes também. Quando elas estão vivendo o dia com prazer, geralmente nós estamos também. Isso é precioso!

Enfim, garantir que as crianças sejam escutadas e consideradas na diversidade significa também olhar para o corpo delas, suas falas e diversas expressões sócio-culturais. Mas esse já é um assunto para outra hora!

GLOSSÁRIO

Conhecimentos sistematizados: que obedecem a um método, um sistema de regras, como a matemática, a língua portuguesa, as ciências sociais e naturais.

Cultura vigente: organização cultural (conjunto de costumes, tradições, formas de ver o mundo) do presente, do momento.

Identidade: conjunto de características e circunstâncias que distingue uma pessoa e torna possível individualizá-la.

Intencionalidade educativa: característica do que é intencional na prática pedagógica; a intenção, deliberação, propósito com que escolhemos as propostas para o trabalho com as crianças.

Qualidade relacional: características que valorizam os relacionamentos (carinho, aconchego, diálogo, respeito às diferenças).

Saberes legitimados: conjunto de conhecimentos reconhecidos socialmente (matemática, ciências, história).

Suportes culturais: conjunto de objetos que materializam e dão vida à cultura (textos, livros, músicas, objetos de arte).

SUGESTÕES PARA LEITURA

CARVALHO, Alison, SALLES, Marília, GUIMARÃES, Fátima (orgs.). *Desenvolvimento e Aprendizagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG – Proex – UFMG, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

TIRIBA, Léa. *Buscando caminhos para a pré-escola popular*. São Paulo: Ática, 1992.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICANO, Renata. *Rotina bem planejada*. In: FREIRE, Madalena (org.). *Rotina: construção do tempo na relação pedagógica*. Série Cadernos de Reflexão. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1998, p. 34.

DEFOE, Daniel. *O barco*. In: DEFOE, Daniel. *Robinson Crusóé: a conquista do mundo numa ilha*. Adaptação em português de Werner Zotz. São Paulo: Scipione, 1996, p. 47-48.

GIROUX, Henri. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GUIMARÃES, Daniela. *As manifestações infantis e as práticas pedagógicas*. Texto produzido para o III Seminário de Educação Infantil da AFASC – Criciúma, SC, 2004. (mimeo)

LISPECTOR, Clarice. *Uma esperança*. In: LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p. 92.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco*. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). *Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios*. Campinas: Papirus, 2000.

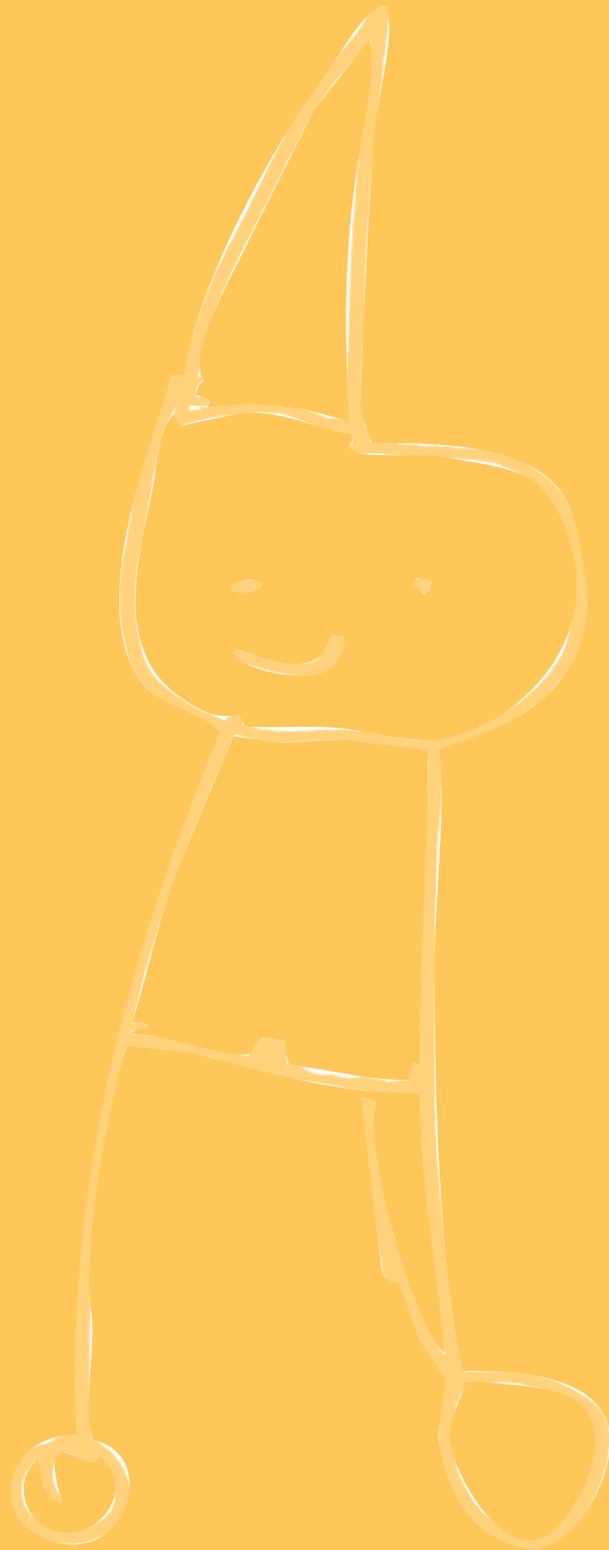
QUINTANA, Mário. *Esconderijos do tempo*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

SALLES, Fátima, FARIA, Vitória. *A ação pedagógica no cotidiano da pré-escola*. In: CARVALHO, Alison, SALLES, Marília, GUIMARÃES, Fátima (orgs.). *Desenvolvimento e Aprendizagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG – Proex – UFMG, 2002.

TIRIBA, Léa. *Buscando caminhos para a pré-escola popular*. São Paulo: Ática, 1992.

TONUTTI, F. *Com olhos de criança*.





ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO: A CRIAÇÃO DE AMBIENTES DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

Artigo III

*Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.*

Thiago de Mello¹



¹ Fragmento da poesia Estatutos do Homem (Ato Institucional Permanente), do poeta Thiago de Mello. <http://www.secel.com.br/jpoesia/tmello.html#estat> - acesso em 17.05.05

ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

Na Unidade 4 do Módulo III, você estudou a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil – sua elaboração, **implementação** e avaliação – bem como a forma como esta proposta se expressa no cotidiano. Algumas questões que foram aprofundadas serão fundamentais para pensarmos agora na criação de ambientes de aprendizagem e desenvolvimento: a **indissociabilidade** entre educar e cuidar, a importância do espaço físico como **mediador** da aprendizagem, as diferentes formas de organizar o grupo de crianças e a importância de favorecermos relações solidárias, afetivas entre todos os que fazem parte da comunidade educativa – crianças, pais e profissionais da instituição de Educação Infantil.

Vimos também, na Unidade 1 deste Módulo IV, que é fundamental acolhermos crianças e famílias em nossas instituições, para isso é preciso abrir espaços de diálogo, escuta e encontro. Neste sentido, é importante que faça parte do nosso cotidiano a atenção à forma como recebemos e nos relacionamos com as crianças e suas famílias.

Neste texto de OTP, relembremos como organizar o tempo, o espaço, os materiais, as atividades e as crianças, tendo em vista a garantia de experiências significativas no dia-a-dia. Vamos pensar em como podem nos ajudar o planejamento e o trabalho com projetos e oficinas. Veremos as atividades que fazem parte da vida diária e da rotina, bem como aquelas que são planejadas de acordo com o projeto que está sendo desenvolvido pelo(a) professor(a) e seu grupo.

Este é o momento de pensarmos de que forma as diferentes idéias que surgem em nosso grupo podem ser geradoras de projetos. Para isso, precisamos organizá-las no tempo e no espaço, planejando nossas ações, bem como nos colocarmos como pesquisadores em busca de materiais que incrementem nosso trabalho. Mãos à obra! O cotidiano se faz de fios que descobrimos e tecemos juntos, fio por fio, descoberta por descoberta:

Fio por fio

*a manhã se faz em pequenas gotas
rios de claridade nos telhados
a cidade acende varais de luz
em cada beco um gato boceja*

*nos relógios o tempo se arruma
silencioso mastigar de ossos
para que de novo um dia se faça
com seu cortejo de sonhos quebrados*



*a tudo assistem os mortos
sentados em nossa memória
arrancando pedaços de névoa
de nossos olhos recém-abertos*

*uma vassoura varre a calçada
junta emovelos os anseios da noite
para que os saltimbancos os loucos
homens e mulheres todos os rostos*

puxem fio por fio este dia

Roseana Murray

(www.docedeletra.com.br/murray – acesso em 16.05.05)



DEFININDO NOSSO PONTO DE CHEGADA

Movimento, choros, risos, xixi, cocô, colos, brigas, afetos, descobertas, fantasias, criatividade... O dia-a-dia com crianças de 0 a 6 anos é repleto de acontecimentos e desafios. Lidar com eles exige **dinamicidade**, atenção, disponibilidade e planejamento! Por um lado, muitas vezes, as condições de trabalho são desfavoráveis: espaços nem sempre adequados, muitas crianças, poucos braços e olhos para estar com elas. Por outro lado, temos as crianças com sua fantasia, imaginação e olhar curioso sobre o mundo. Como organizar o cotidiano levando em consideração os desafios específicos de nossa realidade e também daquilo que é específico da criança?

É muito importante planejar ações que tornem nosso dia-a-dia prazeroso, que tenham sentido para as crianças, que façam com que o tempo que temos juntos seja um tempo de descobertas, trocas, partilhas, construções. Neste texto, daremos destaque às formas de organizar a ação pedagógica, buscando fazer com que as crianças se sintam pertencentes aos ambientes educativos, ou seja, que se sintam parte deles! Nossos objetivos são:

- 1. Identificar e criar situações de aprendizagem em que a integração de conteúdos de diferentes áreas de conhecimento ou o desdobramento de atividades dêem sentido ao trabalho da criança.*
- 2. Identificar situações cotidianas que necessitam ser planejadas e as formas de planejar tendo em vista objetivos mais imediatos e aqueles que estaremos desenvolvendo em longo prazo.*

3. *Compreender os projetos de trabalho como uma das formas de organizar a ação pedagógica, com sentido e significado para as crianças, planejando coletivamente formas de aprender a aprender.*
4. *Planejar a organização de espaços, materiais, atividades e intervenções, tendo em vista o trabalho diversificado, realizado em pequenos grupos, possibilitando as interações das crianças e delas com diferentes materiais, tipos e fontes de conhecimento.*

CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Este texto de OTP da Unidade 2 está dividido em quatro seções: na Seção 1, discutiremos a importância de pensarmos a organização do trabalho cotidiano, para que nele estejam garantidas experiências significativas e prazerosas, estruturadas tendo em vista a integração entre os conhecimentos e a continuidade das atividades; na Seção 2, vamos refletir sobre como o planejamento de cada situação diária pode ser um aliado na organização do trabalho; na Seção 3, apresentaremos os projetos de trabalho como um dos recursos integradores das experiências cotidianas com as crianças; e por fim, na Seção 4, propomos a organização de oficinas/ateliês de trabalho, atividades diversificadas, cantos-ambiente, que podem ser montados nas salas de Educação Infantil – ou mesmo salas-ambiente –, como facilitadores da integração entre as crianças e delas com a cultura e o conhecimento.

Seção 1 – A organização do trabalho cotidiano: participação das crianças, integração e desdobramento das atividades

*NESTA SEÇÃO, TEMOS COMO OBJETIVO:
IDENTIFICAR E CRIAR SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM
NAS QUAIS A INTEGRAÇÃO DE CONTEÚDOS DE
DIFERENTES ÁREAS DE CONHECIMENTO E O
DESDOBRAMENTO DE ATIVIDADES DÊM SENTIDO
E SIGNIFICADO AO TRABALHO DA CRIANÇA.*

Trata-se de pensar como a participação das crianças é importante no dia-a-dia, assim como o contato com os **conhecimentos legitimados**, de forma significativa e prazerosa.

Em algum momento do trabalho com as crianças, você já deve ter sentido o grupo resistindo a entrar numa proposta sua. Muitas vezes, diante de uma proposta vinda do adulto, as crianças se mostram desinteressadas e, não raro, perguntam se já está na hora de brincar.



Pois é, em algumas situações, quando a proposta que trazemos não é significativa ou não se liga a um interesse das crianças, elas acabam se envolvendo pouco. Portanto, é importante considerarmos estratégias e iniciativas que possam garantir que a Educação Infantil seja rica em vida, prazer e sentido para adultos e crianças! Lembrando que, como diz Cecília Meirelles, *a vida só é possível reinventada*.

Reinvenção

*A vida só é possível
reinventada.*

*Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...*

*Ah! tudo bolhas
que vêm de fundas piscinas
de ilusionismo... - mais nada.*

*Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.*



Cecília Meirelles

Esta e outras poesias de Cecília Meirelles você pode encontrar no site <http://www.avozdapoesia.com/ceciliameireles/>

É muito importante levar em conta a seguinte questão: o que garante a vida e o trabalho significativo em nosso dia-a-dia? Com certeza, trata-se de dar importância às relações: relações entre o que vivemos ontem com as crianças e o que viveremos hoje; relações entre a conversa na roda e as atividades que realizaremos; relações entre a escola e a família; relações das crianças entre si!

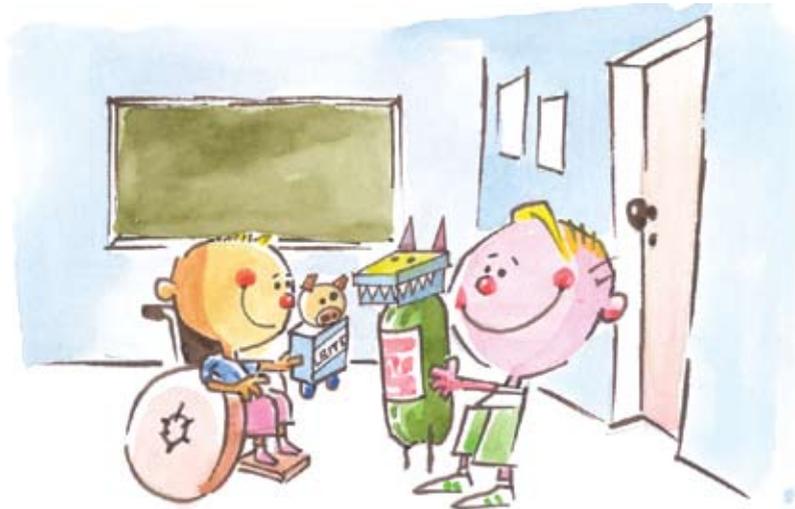
Queremos dizer que é fundamental a continuidade entre as experiências! Isso acontece, por exemplo quando conversamos sobre o que fizemos no dia anterior, quando a atividade de um dia gera desdobramentos para um dia seguinte, ou quando registramos uma história oral inventada anteriormente.

Quando propomos esse tipo de prática, questionamos propostas que se baseiam em listas de atividades que as crianças devem cumprir a cada dia (por exemplo: entrada, massinha, desenho, colagem, lanche, história, saída). Quando apenas listamos atividades, fica de fora a participação das crianças decidindo junto com o(a) professor(a) o que vão realizar (pois tudo foi decidido antes), fica de fora a ação significativa (muitas vezes, desenha-se por desenhar,

faz-se massinha por fazer); fica de fora a continuidade entre as experiências, pois uma atividade não se relaciona com a outra. Diferente seria se, por exemplo, a partir dos personagens e objetos criados com a massa de modelar, percebêssemos o interesse das crianças em inventar uma história e depois desenhá-la. Então, a atividade da massa estaria relacionada com a do desenho e com a construção da história! Isso é provocar continuidade entre o que experienciamos com as crianças. Foi isso que aconteceu na turma de Sibelli, professora em uma pré-escola, trabalhando com crianças de 5 anos.

Cena 1 – Os três (muitos) porquinhos

Sibelli começou o dia contando a história dos “Três porquinhos”. Anteriormente, ela havia selecionado algumas sucatas e materiais diversos e, após a história, propôs ao grupo fazerem os personagens da história com as sucatas. Poderiam ser porquinhos, lobos, ou outros animais inventados. Enquanto faziam seus bonecos, a professora percebeu que duas meninas conversavam com seus “porquinhos”, usando diálogos da história. Sibelli então perguntou quem gostaria de recontar a história com os personagens de sucata. Algumas crianças se ofereceram e assim combinaram que, depois do lanche fariam um teatro. João, que havia feito um lobo bem grande de garrafa pet, perguntou se não precisavam de convites para o teatro. Sibelli percebeu o entusiasmo das crianças e propôs fazerem o teatro no dia seguinte, usando o tempo depois do lanche para fazerem os convites. Mas quem eles iriam convidar? As turmas das salas ao lado! E assim, passaram o restante do dia envolvidos com a confecção dos convites: as crianças sugeriram que pequenos pedaços de papel com desenhos dos porquinhos feitos por elas fossem os convites. No dia seguinte, a história foi recontada: eram dez porquinhos e três lobos que contracenavam enquanto a professora narrava a história.



ATIVIDADE 1

Na situação vivida na turma da professora Sibelli, o que pode ser destacado como escuta das manifestações das crianças? Registre sua resposta no caderno.

De um modo geral, nas práticas em que uma atividade não se relaciona com a outra, o trabalho é visto como algo mecânico, do qual interessa mais o produto do que o processo (Quantos desenhos a criança fez? Quantas colagens? Já colou com azul? Já usou o lápis vermelho?). Nesse tipo de situação, não importa nem o processo nem o produto, mas sim apenas o cumprimento de mais uma tarefa que começa e termina ali mesmo.

Por outro lado, numa proposta que valoriza a experiência significativa, perguntamos: o que a criança produziu? Como produziu? Que materiais utilizou? Qual é a história que conta o seu desenho? Qual o significado para ela e para o grupo do trabalho que está sendo realizado? Que desdobramentos a atividade pode ter?

Enfim, numa prática em que as relações entre as experiências são importantes e onde a escuta da criança é privilegiada, a criança compreende o porquê de estar fazendo isso ou aquilo. Pouco a pouco, ela mesma começa a sugerir alternativas de continuidade e integração entre as atividades, como vimos no exemplo anterior: “Vamos fazer convites para o teatro?”, “Vamos desenhar porquinhos nos convites?”.

Em sua ação sobre a massa, o papel, a água, o barro, a criança produz significados. Percebemos isso quando ela diz, por exemplo: “estou fazendo um carro”, “estou fazendo a mãe da minha mãe” ou “vamos fazer um barco?”. Esses significados podem e devem ser valorizados pelo(a) professor(a). Isso acontece quando o(a) professor(a) presta atenção ao que a criança está fazendo, quando lhe pergunta o que está fazendo, quando acolhe uma de suas idéias e a compartilha com o grupo, quando favorece, ou decidem juntos, a exposição dos seus trabalhos (no mural, num cartaz).

Já estudamos em outros módulos que as crianças estão nas creches, pré-escolas e escolas para mais do que preencherem o tempo ou ficarem bem guardadas enquanto os pais trabalham. A Educação Infantil é um direito das crianças



Priscilla Silva Nogueira

e um espaço para que elas sejam acolhidas, expressando seus desejos, suas idéias e emoções. A escuta, a disponibilidade, o diálogo com as manifestações das crianças aparecem na forma como o(a) educador(a) organiza o tempo, o espaço e as atividades.

Vamos ver outros exemplos de atividades com as crianças nas quais aparecem experiências que se integram e se desdobram, ou seja, uma atividade relacionada com a outra, em continuidade:



ATIVIDADE 2

Na cena que se segue, alguns desdobramentos aconteceram na turma do professor Ricardo. Vamos ler?

Cena 2 – Cobra tem sangue?

Ricardo, professor de uma pré-escola, chega na escola e faz uma roda com as crianças, onde elas conversam animadamente. Uma das crianças conta que foi na casa do avô que fica perto de uma linha de trem. De repente, viu uma cobra passando nos trilhos e o trem esmagou a cobra toda, deixando tudo cheio de sangue. Imediatamente, o professor pergunta: “cobra tem sangue?” Os olhares são de surpresa e indagação! “Vamos ver nos livros que temos o que há sobre as cobras?” O professor pega uma enciclopédia que está à mão e começa a ler para o grupo informações sobre as cobras. Depois, cada um desenha a cena contada pelo amigo, ou qualquer outra coisa que lhe chamou atenção das informações do livro. No final do dia, combinam convidar o pai de uma das crianças que conhece tudo sobre cobras para conversar na roda.

A partir desta leitura, você poderia dizer de onde surgiu a proposta de pesquisarem sobre a cobra? E que desdobramentos você pode perceber na situação da Cena 2? Registre no caderno as suas respostas.

ATIVIDADE 3

Agora vamos ler esta outra cena que acontece numa turma de 4 anos:

Cena 3

O grupo fez uma visita à padaria da comunidade onde se situa a escola. Antes de saírem, a professora conversou, perguntando o que achavam que iam encontrar, o que podiam perguntar ou contar aos profissionais da padaria. Uma das crianças disse que a mãe dela também sabia fazer um pão e que podiam dizer isso lá na padaria, assim como contar sobre quando faziam bolo. Durante a visita viram massas diferentes, formas de amassar, fornos e máquinas antes desconhecidas e que são responsáveis pelo pão que comem a cada dia. Na volta para a escola, muitas conversas. No dia seguinte, quando chegaram à escola, a professora sugeriu que desenhassem o que mais gostaram do passeio, o que aprenderam etc. Cada criança mostrou seu desenho para os amigos e conversaram sobre a experiência compartilhada. Em seguida, a professora fez um texto coletivo (recolhendo um pouco as opiniões de cada criança, para contar aos pais como foi o passeio). Então, um dos meninos deu a idéia de convidar o Sr. Manoel (da padaria) para vir à sala deles. A turma gostou da sugestão do amigo e todos começaram a fazer um convite para o senhor Manoel.



A partir desta leitura, que desdobramentos você pode perceber na situação da Cena 3? Registre no caderno as suas respostas.

Nas três cenas que lemos até agora, vemos a importância do papel do(a) professor(a) como mediador(a) das aprendizagens das crianças. Vimos também que o(a) professor(a) pode estabelecer **relações entre as experiências vividas no grupo, privilegiando a escuta dos movimentos das crianças.**



ATIVIDADE 4

Você já viveu experiências semelhantes às das cenas anteriores? Pois então, propomos agora que você possa, a partir da observação de alguma situação do cotidiano, pensar em desdobramentos que estejam valorizando as manifestações das crianças. Registre no seu caderno a observação e os desdobramentos que aconteceram, sejam como propostas suas, seja valorizando o que veio das crianças.

Pois bem, outra maneira de garantir a continuidade entre as atividades e as experiências significativas no cotidiano é proporcionar a integração de conteúdos de diferentes áreas de conhecimento. Ao invés de fragmentar o conhecimento, dizendo “agora é a hora da matemática”, “esse trabalho é de Ciências”, esses diferentes campos do saber podem se interligar em nossas experiências cotidianas. Isso quer dizer que a matemática, a linguagem e a ciência, por exemplo, podem ser focalizadas num mesmo projeto ou em atividades que se desdobram, de forma contextualizada.

Vamos aproveitar o exemplo da Cena 2 vista anteriormente. Ao pesquisar informações sobre o mundo das cobras, professor e crianças mergulharam de forma mais focalizada na Ciência. Mas, num outro dia, diante da surpresa do grupo quando souberam do tamanho da cobra sucuri, o(a) professor(a) poderia sugerir que fizessem uma sucuri de jornal do tamanho real, usando fita métrica, régua, e/ou tamanho das próprias crianças como unidades de medida. Estariam lidando com a Matemática.

Outra hipótese: podemos conseguir fotos da comunidade onde vivem as crianças no passado e fotos atuais, comparando-as com o grupo. Estamos mais nitidamente no terreno da História. Em seguida, podemos inventar personagens que viveram no passado, construir histórias deles e aventuras, registrando-as de diferentes maneiras. Estaremos explorando o universo da Linguagem, como aconteceu na Cena 1, na turma da professora Sibelli.

Enfim, é importante que as diferentes áreas do conhecimento sejam contempladas no dia-a-dia. Para isso, precisamos estar atentos para as relações entre as experiências vividas e as possibilidades de ampliação dessas experiências: uma pesquisa na área da Ciência pode gerar desafios na Matemática (medir, comparar, perceber diferenças e semelhanças). Uma experiência na área da linguagem, como contar/recontar uma história, pode desdobrar-se numa pesquisa na área de Ciências (a partir do interesse por algum bicho da história, por exemplo).

ATIVIDADE 5

a) Imagine um desdobramento possível para a cena narrada abaixo:

Era aniversário da professora e todos iam fazer um bolo para ela. Cada criança levou um ingrediente: farinha, açúcar, fermento, ovos e leite. Chegou a hora de fazer o bolo: cada um mostrou o que trouxe e depois todos foram colocando os ingredientes, provando, misturando... uma delícia! O mais gostoso foi cantar os parabéns, trocar beijos e abraços, partilhando o bolo, presente de todo mundo! No dia seguinte...

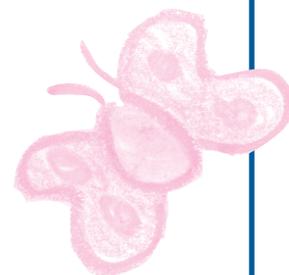
Registre o desdobramento no seu caderno.

ATIVIDADE 6

- a) Agora, pensando na sua prática, selecione uma atividade que você tenha planejado para as crianças ou alguma situação que tenha despertado a atenção delas.
- b) A partir da observação das manifestações das crianças e da possibilidade de trabalhar com a cultura e com os conhecimentos sistematizados, anote que desdobramentos a atividade ou a situação pode ter. Lembre-se de que os desdobramentos podem surgir das idéias das próprias crianças e também do(a) professor(a).
- c) Procure realizar com as crianças os desdobramentos que foram pensados a partir dessas observações. Registre esse processo no seu caderno, pois será interessante levar essas anotações para compartilhá-las com o grupo no encontro quinzenal.

Seção 2 – O planejamento como recurso na organização do trabalho cotidiano

**O OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO É:
IDENTIFICAR SITUAÇÕES COTIDIANAS QUE NECESSITAM
SER PLANEJADAS E AS FORMAS DE PLANEJAR TENDO
EM VISTA OBJETIVOS IMEDIATOS E OUTROS DE
LONGO PRAZO.**



Lembra da música “Cotidiano”, de Chico Buarque, que vimos no texto de OTP da Unidade 8 do Módulo III?

Cotidiano

*Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã*

*Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar
E essas coisas que diz toda mulher
Diz que está me esperando pro jantar
E me beija com a boca de café*

*Seis da tarde como era de se esperar
Ela pega e me espera no portão
Diz que está muito louca pra beijar
E me beija com a boca de paixão...*

Chico Buarque



Quando pensamos nas atividades que acontecem diariamente na creche, pré-escola ou escola, temos que levar em consideração a possibilidade de, apesar da repetição, não fazer tudo sempre igual. Se pensarmos bem, veremos que em cada dia temos diferentes opções que podem ser contempladas no planejamento. Por isso, para desenvolvermos atividades que se desdobrem entre si e permitam ao grupo viver a continuidade entre as experiências, o planejamento é nosso maior aliado.

Nas Unidades 7 e 8 do Módulo III, você teve oportunidade de discutir a organização dos tempos e dos espaços no cotidiano da Educação Infantil e a importância de pensar e planejar esse cotidiano levando em consideração a rotina, os materiais, os espaços, as propostas. As idéias daqueles textos são muito importantes para as questões que estamos estudando aqui!

No dia-a-dia, podemos agir aleatoriamente – as coisas vão acontecendo e nós vamos fazendo – ou planejar a nossa ação, ou seja, agir intencionalmente, estabelecendo critérios, fazendo escolhas. Cipriano Luckesi (1992), educador brasileiro, afirma que o planejamento não é neutro, mas implica escolhas que

estão comprometidas com as nossas concepções. Na ação intencional do planejamento, nós projetamos fins a serem alcançados e estabelecemos os meios para atingirmos esses fins. E o planejamento ajuda nesse processo.

No que diz respeito ao planejamento, Luckesi (1992) ainda propõe que o planejamento implica tanto a participação individual quanto a participação coletiva, pois, quando fazemos escolhas, temos de levar os “outros” em consideração, uma vez que não estamos sozinhos. “Outros” que dizem respeito às crianças e suas famílias e também aos profissionais da instituição na qual trabalhamos.

ATIVIDADE 7

Na Atividade 1 do texto de FE que acabamos de estudar, você refletiu sobre o seu planejamento. Tendo como referência aquela atividade, como você responderia as seguintes questões?

- a) Qual tem sido a sistemática de planejamento vivenciada na sua creche, pré-escola ou escola? Quais avanços e problemas que você identifica?*
- b) O que precisa ser modificado na proposta de planejamento da sua instituição? E na sua prática de planejamento?*

Para realizar esta atividade, você pode conversar com outros(as) professores(as) da sua instituição. Será interessante compartilhar suas respostas com o grupo no encontro quinzenal do PROINFANTIL.

Mesmo sabendo que o planejamento pode assumir diferentes formas, uma questão fundamental é o registro desse processo. Não apenas o que organizamos antes, mas o que observamos durante as propostas e o que registramos ao longo e depois das atividades são subsídios importantes para que o nosso trabalho adquira intencionalidade. Como fazer esses registros? Onde fundamentar essas escolhas? Ou seja, com o que o planejamento está comprometido?

Esse registro pode assumir um aspecto bem pessoal, ou seja, o seu jeito de registrar o planejamento. Mas algumas questões básicas devem estar presentes no planejamento: os horários, os espaços em que as atividades acontecerão, os materiais que vamos precisar e a intenção, ou seja, os objetivos das propostas.

Como esse registro pode ser feito?



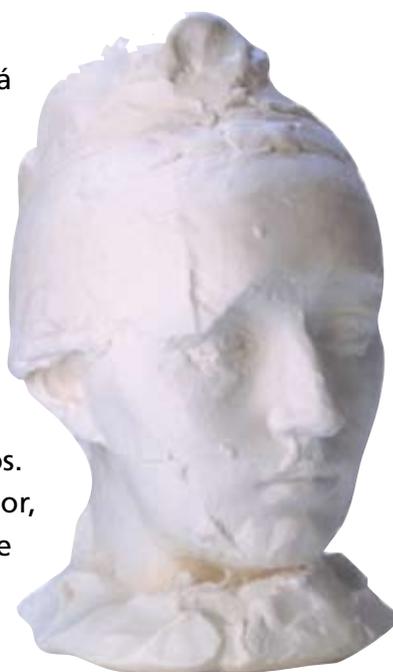
Você pode ter um caderno para fazer o planejamento semanal. Em cada dia, deixar um espaço para comentários sobre o que aconteceu naquele dia e possíveis encaminhamentos para o dia seguinte.

Outra idéia é ter um caderno para observações diárias sobre a turma em geral, mas também sobre alguma criança em especial; observações que forneçam subsídios para os próximos planejamentos.

Você pode organizar um arquivo com as produções do grupo, com recortes de jornais, indicação de leituras, sugestões de atividades e propostas, músicas e obras de arte envolvendo os temas que surgem ao longo do trabalho com as crianças que poderão ser úteis no planejamento.

Além desse arquivo que diz respeito ao que está acontecendo mais imediatamente com o seu grupo, a sua creche, pré-escola ou escola, você pode organizar também um acervo dos mais variados temas (folclore, obras de arte, vídeos) que seja de uso coletivo.

Acima de tudo, precisamos estar atentos ao que as crianças trazem, falam e fazem, tendo claros os objetivos educacionais do trabalho que realizamos. É preciso também, como vimos na seção anterior, observar as relações entre as atividades propostas e a possibilidade de integrar o conteúdo das diferentes áreas do conhecimento, como forma de garantir a continuidade entre as atividades.



Camille Claudel

Nesse sentido, é fundamental também lembrar os conceitos estudados nos módulos anteriores, que abordaram, entre outros assuntos: o conceito de criança enquanto sujeito de direitos, produtora de cultura (Módulo I e II); as formas como a criança se desenvolve; a formação de sua identidade (Módulo II); e a indissociabilidade entre o cuidar e o educar (Módulo III).

Assim, para que nosso trabalho esteja fundamentado nos estudos que fizemos sobre a criança e o papel da Educação Infantil como espaço promotor da inclusão social – dentre outros objetivos –, precisamos planejar nosso cotidiano, garantindo que aspectos que consideramos essenciais não fiquem de fora!



Priscilla Silva Nogueira

Com base nos estudos realizados até aqui, poderíamos estabelecer alguns elementos centrais a serem incorporados em nosso cotidiano. São eles:

- *desenvolvimento da autonomia;*
- *descoberta e conhecimento do próprio corpo, atenção aos aspectos biológicos de seu funcionamento (cuidados, saúde, bem estar), ou seja, a aprendizagem do autocuidado;*
- *incremento das relações sociais e afetivas (diálogo, troca entre adultos e crianças, expressão de afetos, sentimentos);*
- *desenvolvimento da comunicabilidade infantil (por meio da expressão oral, do brincar, do corpo);*
- *interação com o mundo físico e social (observação, exploração e preservação do ambiente);*
- *brincar (espaço de expressão de emoções, sentimentos, desejos, necessidades, forma de elaboração infantil);*
- *utilização das diferentes linguagens expressivas (artística, musical, oral, escrita);*
- *ampliação do acesso a diferentes objetos e manifestações culturais (literatura, música, artes, cinema, museus, folclore, festas); e*
- *relação com os conhecimentos científicos (matemática, ciência, história).*

As experiências e os conteúdos assinalados acima fazem parte do trabalho pedagógico a ser desenvolvido com as crianças na Educação Infantil. Esse trabalho deve acontecer, de forma integrada, nos mais diferentes momentos do cotidiano. Entre esses momentos, como já vimos no texto de FE desta unidade, temos no planejamento situações que se repetem diariamente, outras estão ligadas a um projeto, a um assunto específico, a uma situação vivida coletivamente, e outras acontecem de forma imprevista.

ATIVIDADE 8

Olhando para o seu planejamento, você identifica essas experiências? Escolha uma semana do seu planejamento e faça uma relação com esses itens assinalados acima. O que foi contemplado? O que você considera que precisa ser mais enfatizado no seu planejamento? Essas anotações podem ser um bom material para discutir com os(as) professores(as) no encontro quinzenal como o planejamento de cada um favorece experiências como essas citadas acima.

A seguir, relembando o que já vimos em outras unidades, trazemos alguns comentários que podem ajudar você a olhar para o seu planejamento.

Como temos discutido, as atividades diárias de rotina são aquelas que realizamos todos os dias, como: a alimentação, o descanso e a higiene corporal. No Módulo III, o cuidar e o educar foram apresentados como inseparáveis na prática pedagógica. Nesse sentido, essas ações diárias assumem um significado especial.

O momento de se alimentar é, então, oportunidade de múltiplos aprendizados: a autonomia do comer sem a ajuda direta do adulto (porém com seu apoio), o aspecto sócio afetivo de alimentar-se em grupo, onde uns observam os outros no ato de se alimentar, estimulando-se muitas vezes a experimentarem novos sabores, trocando impressões e outras interações possíveis.

É assim que o lanche, por exemplo, pode ser um momento animado na vida do grupo. Ele pode acontecer de diferentes formas e pode ser também foco de trabalho do(a) professor(a). Para o grupo de crianças de aproximadamente 3 anos ou menos, a ajuda do(a) professor(a) em servir e mesmo ministrar os alimentos será maior. À medida em que as crianças são estimuladas a aprender a se servir, essa ajuda torna-se desnecessária. O(a) professor(a), como mediador(a) do aprendizado no momento do lanche, pensará qual o material adequado a ser oferecido e a melhor forma de organizar a mesa. Assim também estará estimulando as crianças a experimentarem novos alimentos, orientando-as quanto às quantidades, à



Priscilla Silva Nogueira

necessidade de mastigação, de higiene, ao respeito ao lanche do amigo, situações que podem ser levadas em conta no planejamento.

Veja só, professor(a), como atividades tão simples de nosso cotidiano podem ser oportunidades riquíssimas de trabalhar muitos conceitos importantes, como o respeito ao próximo, a abertura para o novo, a partilha, o cuidado com o corpo e a autonomia. Assim ocorre também com as demais atividades do cotidiano.

Estas atividades diárias ligadas às necessidades (alimento, repouso, dentre outras) são organizadoras do grupo. À medida em que se repetem diariamente, auxiliam a criança na construção da noção da passagem do tempo, bem como desenvolvem sua autoconfiança e autonomia. Chegar à escola, guardar a mochila, entregar a agenda ao(a) professor(a) e guardá-la novamente ao final do dia são ações rotineiras e que podem ser também foco do planejamento de seu trabalho. Nessas ações, as crianças se sentem cada vez mais confiantes no espaço, nos adultos que lhes apóiam e nelas mesmas.

O brincar, necessidade intrínseca da criança, acontece também diariamente. Como vimos em várias unidades no Módulo II, é por meio da brincadeira que a criança entende o modo como o mundo adulto se organiza, elaborando suas próprias emoções e sentimentos, bem como criando e recriando o mundo que a cerca a partir de seus próprios referenciais. Portanto, brincar é a forma privilegiada de expressão infantil. Brincar, então, não é aquilo que as crianças fazem no recreio, para passar o tempo entre o trabalho “sério” e a hora de ir para casa.

Levando em consideração a importância da brincadeira, é bom, no planejamento diário, abrir muitos espaços para o brincar, e também que nós mesmos “entremos na dança”. Como é gostoso quando nos permitimos estar com eles e brincar também, virar bichos, brincar de roda, de comidinha... Muitas vezes, é justamente quando observamos as brincadeiras espontâneas das crianças que podemos identificar seus interesses, aspectos das relações entre elas, necessidades, medos, questões que nos ajudam a conhecê-las e a dar significado e intencionalidade ao planejamento.

Além de tudo isso que vimos até aqui, é fundamental que o planejamento diário inclua também um momento de exploração de alguma produção cultural e de produção da criança também. Isto é: leitura de literatura, audição de músicas, apreciação de imagens/gravuras, bem como produções plásticas variadas, criação de histórias. Essas produções podem estar ligadas ou não aos projetos desenvolvidos, mas, de todo jeito, é importante que as crianças tenham oportunidade de se expressarem nas diferentes linguagens artísticas, bem como de ampliarem o acesso a produções culturais variadas.

Então, vimos até aqui que algumas atividades precisam acontecer diariamente, fazem parte da rotina do grupo e, portanto, é importante planejá-las e vivê-las de modo prazeroso e significativo. Esses momentos que se repetem dão segurança ao grupo, trazem aprendizados importantes, e é nosso papel apoiar as crianças nessas ações.

Seção 3 – Os projetos de trabalho

*O OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO É:
COMPREENDER OS PROJETOS DE TRABALHO COMO
UMA DAS POSSÍVEIS MANEIRAS DE ORGANIZAR A AÇÃO
PEDAGÓGICA, COM SENTIDO PARA AS CRIANÇAS, PLANEJANDO COLETI-
VAMENTE FORMAS DE APRENDER A APRENDER.*

Diferente das atividades de rotina, num projeto, as atividades não são necessariamente repetitivas, tampouco precisam acontecer diariamente. Trabalhar com um projeto vai requerer um planejamento flexível, que é construído passo a passo pelo(a) professor(a) com seu grupo e se ampliando de acordo com as idéias novas que surgem ao longo de seu desenvolvimento.

Lembra-se dos exemplos apresentados na primeira seção, as Cenas 2 e 3 (sobre a cobra e a padaria)? Pois é, o que chamamos de projeto é na verdade uma forma de organizar o trabalho que é pensada a partir das experiências das crianças, das perguntas que elas trazem, das idéias que sugerem. O projeto é algo vivo e dinâmico, que se desdobra de acordo com os caminhos próprios que cada grupo toma.

Os projetos de trabalho têm como principal característica integrarem crianças e adultos em torno de um empreendimento ou investigação. Isso quer dizer que o encontro cotidiano entre crianças e adultos não se baseará exclusivamente naquilo que o(a) professor(a) sabe ou em suas propostas de atividades. Ao invés disso, o(a) professor(a) e o grupo serão pesquisadores em busca de conhecer mais sobre algum assunto e realizar diferentes produções a partir dessa investigação.

O(a) professor(a) não é aquele(a) que sabe todas as respostas para as dúvidas e curiosidades das crianças. Ele(a) também é mais um(a) curioso(a) que vai em busca de materiais e recursos para ampliar seus conhecimentos. Mas atenção, isso não quer dizer que o(a) professor(a) esteja no mesmo lugar que suas crianças. Não! É ele quem vai organizar o grupo, encaminhar as diferentes questões que surgirem, mediar as relações entre as crianças, sugerir materiais de pesquisa, escutar as idéias e pensar coletivamente em como realizá-las. Tal como um maestro, o(a) professor(a) vai orquestrar o trabalho do grupo, acolhendo a curiosidade, as perguntas e hipóteses das crianças.

Casa de João-de-Barro

Certo ano o casal de João-de-Barro resolveu construir um ninho novo em outro galho. (...)

O mais curioso foi que, depois de acabado o ninho novo, eles, em vez de se mudarem, resolveram fazer um segundo ninho em cima daquele. Quem primeiro notou isso foi o Visconde, que foi todo assanhado contar a Dona Benta.

– Venham ver – disse o sabuguinho.

– Eles terminaram ontem a construção do ninho novo, mas não se mudaram do velho; em vez disso estão a construir um segundo ninho sobre o novo – uma espécie de segundo andar.

Dona Benta foi com os meninos e viu.

– Por que será, vovó? – quis saber Pedrinho.

– Não sei meu filho, mas eles devem ter lá as suas razões.

– Eu sei – berrou Emília. – É para alugar!...

Todos riram-se.

– Eu acho – disse Narizinho – que é para acomodar os filhotes quando chegarem ao ponto de voar...

(LOBATO, Monteiro. *O saci*. 1993. p. 10)



A curiosidade está presente nas histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo, e Dona Benta sempre aparece mediando a relação das crianças e, principalmente, da espevitada Emília, nas descobertas do mundo, como no trecho apresentado da história *O Saci*:

Como você tem acolhido a curiosidade das crianças com as quais trabalha? As perguntas e hipóteses das crianças são sempre um rico material para desenvolvermos os projetos, como a situação que trazemos na próxima atividade.



ATIVIDADE 9

Tomemos o exemplo da cena a seguir:

O Projeto dos Insetos

Um grupo de crianças entre 3 e 4 anos estava desenhando quando de repente uma abelha entrou na sala de atividades. Na mesma hora, algumas se assustaram, espantando o inseto com as mãos.

A professora aproveitou o incidente para perguntar ao grupo se sabiam que animal era aquele. Algumas disseram que era uma mosca, outras que era um mosquito e outras, ainda, que era uma abelha. Aproveitando a situação, a professora disse que se tratava de uma abelha e sugeriu ao grupo que pesquisassem aquele inseto nos livros sobre animais, comparando suas características e descobrindo mais sobre ele. A pesquisa trouxe muitas novidades, dentre elas que o tal inseto fazia mel! Foi uma farra, uma das crianças lembrou que “tomava xarope de mel”, outra falou que a tia vendia mel. Então ficou combinado que no dia seguinte todos provariam mel de abelha.

O projeto não parou por aí. E a visita da abelha acabou se transformando no “Projeto Insetos”, dando vazão a muitas atividades em torno deste assunto: leituras de histórias que envolviam insetos, pesquisas nos livros científicos, produções de insetos de massinha, desenhos, conversas, cartazes.



Que desdobramentos aconteceram a partir da entrada da abelha na sala onde estavam as crianças?

Esse exemplo mostra como o desenvolvimento pode surgir de algo que não estava previsto. O projeto não é uma lista rígida de atividades, mas espaço para novas idéias e questionamentos.

São as perguntas e curiosidades das crianças que vão apontando caminhos a serem trilhados. O(a) professor(a) vai articulando essas curiosidades e buscando incentivar a pesquisa, promover desafios relativos às diferentes áreas de conhecimentos e estimular as produções das crianças.

Os projetos podem surgir de várias formas: interesses das crianças, alguma situação significativa vivida pelo grupo, alguma questão relativa às experiências da comunidade onde vivem ou mesmo da cidade. E ainda, do desejo do(a) professor(a) de trazer algo da cultura para o grupo. O importante é que a participação da criança esteja garantida!

Professor(a), estamos falando de “trabalho do grupo”, ou seja, no trabalho com projetos onde todos colocam a mão na massa: crianças e adultos. A sala de aula vira um espaço onde todos pesquisam, têm idéias, buscam caminhos, apresentam sugestões, planejam ações coletivamente. A ação coletiva é uma das principais características do trabalho com projeto. Dessa forma, colocando-se ativamente, cada criança se envolve com o que está sendo vivido em grupo e encontra sentido no que faz, pois se sente parte fundamental. Sua contribuição é importante e considerada! Suas produções são apreciadas pelo grupo, integrando-se no coletivo.

No entanto, cabe ressaltar que muitas vezes o projeto acolhe atividades que são regulares, como o Projeto Vai e Vem Poesia (Revista Avisalá, nº 2, 2000, p. 31), realizado com crianças de 2 e 3 anos. A professora desse grupo programou algumas atividades que, dentro do projeto, aconteciam regularmente, por exemplo, ler poesias na roda duas vezes por semana ou organizar um rodízio (Vai e Vem Poesia), para que as crianças pudessem levar os livros para casa toda sexta-feira.

O trabalho com projetos é uma alternativa para se pensar a educação nos dias de hoje. Não basta o(a) professor(a) apresentar à criança os conhecimentos já prontos, é preciso que a criança reflita sobre eles, elabore suas próprias idéias e vivencie situações em que, tenha de resolver algum problema concreto. Ou seja, é fundamental que ela se envolva, que seu pensamento

e imaginação, sejam mobilizados. Assim, a criança vai relacionar os novos conhecimentos com aqueles que já possui, organizando seus saberes.

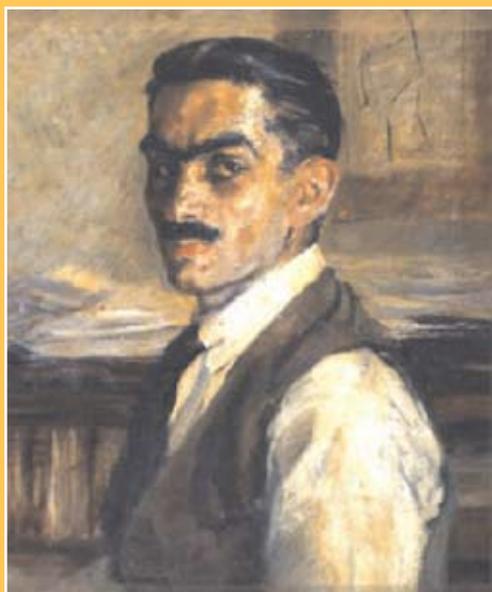
Ao(à) professor(a) caberá promover situações de aprendizagem que dêem às crianças oportunidades de interpretar informações, estabelecendo relações entre o que já sabem e o conhecimento presente nos livros, jornais, revistas, fruto das explorações vividas coletivamente. Assim, ela vai organizando com autonomia seu próprio conhecimento.

Os projetos de trabalho surgem também como uma possibilidade de integrar os diferentes saberes. Como já vimos na Seção 1, as crianças não precisam trabalhar separadamente a matemática, a literatura, as artes plásticas, por exemplo. Com os projetos, esses conhecimentos e formas de produção cultural se relacionam. Como isso pode ser feito?

Vamos ver mais um exemplo:

A professora de um grupo de crianças de 4 anos desejou apresentar para o grupo algumas obras de Monteiro Lobato.

Monteiro Lobato nasceu no dia 18 de abril de 1882, num sítio na cidade de Taubaté. Cresceu envolvido pelos livros do avô e leu tudo o que havia para criança em língua portuguesa. Depois de um percurso que passou pela Faculdade de Direito, pequenos escritos e caricaturas para jornais, viagens ao exterior, edição de livros para adultos, a partir de 1921, Monteiro Lobato começa a interessar-se pela literatura infantil. Finalmente, em 1945, publica suas obras completas. Com "Narizinho Arrebitado", lança o Sítio do Pica-pau Amarelo e seus célebres personagens: Emília, Visconde de Sabugosa, Dona Benta, Tia Nastácia, Pedrinho e Narizinho. Em julho de 1948, Monteiro Lobato morre, deixando uma obra que eterniza a curiosidade, a descoberta, o encanto e a fantasia.



Monteiro Lobato - Pintura a óleo
Cesáreo Bernaldo de Quiroz, 1922
www.lobato.globo.com

Junto com as crianças, a professora iniciou a aventura de conhecer a obra de Monteiro Lobato com o livro “Caçadas de Pedrinho”. Como se tratava de um texto grande, foi lido em partes, um pouco a cada dia durante cerca de duas semanas. A partir da leitura desse livro, o projeto “Viajando com Lobato” teve curso. Diferentes propostas foram sendo planejadas e vividas com as crianças. Durante da leitura, a professora percebeu que o Saci era o personagem que mais chamava a atenção do grupo, especialmente quando tio Barnabé ensina Pedrinho a pegar um saci. O livro “O Saci”, de Monteiro Lobato, foi lido em seguida.

Pedrinho pega um saci

Tão impressionado ficou Pedrinho com esta conversa que dali por diante só pensava em saci, e até começou a enxergar saci por toda parte. Dona Benta caçoou dizendo:

- Cuidado! Já vi contar a estória de um menino que de tanto pensar em saci acabou virando saci...

Pedrinho não fez caso da estória, e um dia, enchendo-se de coragem, resolveu pegar um. Foi de novo em procura do tio Barnabé.

- Estou resolvido a pegar um saci – disse ele – e quero que o senhor me ensine o melhor meio.

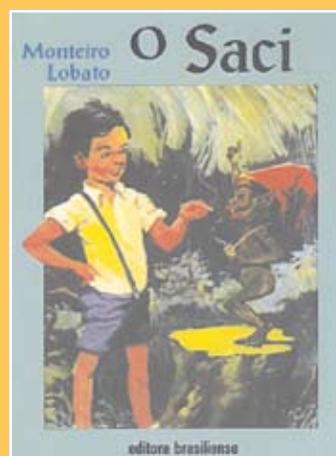
Tio Barnabé riu-se daquela valentia:

- O melhor meio de pegar um saci é o de peneira de cruzeta... arranja-se uma peneira destas e fica-se esperando um dia de vento bem forte, em que haja rodãozinho de poeira e folhas secas. Chegada essa ocasião, vira-se com todo o cuidado para o rodãozinho e zás! Joga-se a peneira em cima. Em todos os rodãozinhos há um saci dentro, porque fazer rodãozinhos é justamente a principal ocupação dos sacis neste mundo.

– E depois?

– Depois, se a peneira foi bem atirada e o saci ficou preso, é só dar jeito de botar ele dentro de uma garrafa e arrolhar muito bem... é preciso tomar a carapucinha dele e a esconder muito bem.

(LOBATO, Monteiro. *O saci*. 1993.)





Várias atividades foram surgindo a partir da história do saci. A professora deixou um saci de dobradura num buraco de uma mangueira que ficava no pátio. Quando um menino achou o saci foi um alvoroço! Pegaram uma garrafa e puseram o saci dentro. Uma menina alertou que era preciso tirar a carapuça, senão o saci fugia. A fantasia reinou na turma! Deu um vento no pátio e alguém disse que foi o saci, e outras coisas mais o saci andou aprontando por lá.

Então, a professora sugeriu que fizessem “O livro das aventuras do saci”. Cada criança desenhou o seu saci, fazendo uma das estripulias da história ou outras inventadas pelas crianças. Num outro dia, criaram uma nova história, inspirada na de Lobato: “As aventuras dos sacis”. Quiseram transformar essa história (um texto coletivo escrito pelo(a) professor(a) num grande papel) num teatro para apresentar aos outros grupos. Ao longo de uma semana, fizeram fantasias, adereços e cenários com material de sucata, ensaiando o texto, escolhendo músicas, entre outras atividades. Também, pesquisaram árvores e bichos que poderiam existir na floresta do saci. Valiam bichos da imaginação e também os que pesquisaram nos livros científicos e revistas especializadas. Durante a pesquisa, houve uma discussão se podia haver cachorro na floresta do saci. O grupo concluiu que só seria possível se fosse cachorro-do-mato. A pesquisa ampliou a perspectiva do grupo sobre vegetação e animais da floresta, da cidade e do campo.

É claro que, para o desenvolvimento de cada uma dessas etapas, o(a) professor(a) teve que organizar as crianças de diferentes formas: individualmente criaram os sacis; no coletivo, inventaram a história; em duplas, folhearam e pesquisaram livros e revistas científicas que seriam lidas pelo(a) professor(a) depois; em trios, fizeram objetos para o teatro (pintando papelões grandes para fazer as árvores, caixas diversas que seriam bichos diferentes). No dia do teatro, vieram os amigos de outros grupos e estavam todos em festa. Foi uma beleza!

Vejam que, no relato acima, a literatura, as artes, as situações de diálogo, o trabalho e a expressão do corpo, a dramatização, a ciência e muito mais integraram-se em um projeto coletivo. Não foi preciso separar: “agora é a hora das artes”, “agora a hora do corpo”, “agora a hora da literatura”. Essa é a principal contribuição do trabalho com projetos: trata-se de uma forma de organizar a proposta pedagógica que mobiliza crianças e adultos em torno de uma experiência coletiva, que tem sentido e significado para o grupo e que integra diferentes linguagens e conhecimentos em seu desenvolvimento.

Vale destacar que, para o bom andamento de um projeto, é preciso que o(a) professor(a) organize:

Os objetivos: Qual a minha intenção com esse projeto? De que maneira esse projeto pode ampliar o conhecimento das crianças sobre o mundo? Veja que a intenção inicial da professora, no exemplo anterior, era colocar as crianças em contato com a obra de Monteiro Lobato. E muitas outras construções e interações com o conhecimento, com a cultura, com a arte, foram acontecendo ao longo do projeto.

O tempo: Como distribuirá ao longo do dia e da semana as necessidades de investigação e produção que o projeto traz? Quanto tempo o projeto pode durar?

O espaço: Qual o lugar mais favorável ao desenvolvimento das atividades planejadas?

As indagações das crianças: O que as crianças falam? Quais as hipóteses que levantam sobre o assunto em questão?

As fontes de conhecimento e pesquisa: Livros, revistas, jornais, filmes, fotos, entrevistas com pais e/ou profissionais, enfim, toda sorte de materiais interessantes para incrementar o projeto.

As atividades e as crianças: Planeje as diferentes propostas e as possibilidades de organização do grupo. Esse planejamento pode (e deve) contar sempre com a participação ativa das crianças, que podem sugerir idéias, pesquisar materiais, organizar o tempo. Assim, elas se sentirão de fato parte do grupo, desenvolvendo autonomia e fortalecendo a confiança em seus saberes.

Os materiais: O que será necessário: tinta, papel, sucata, panos, gravetos, folhas secas, cabos de vassoura? Ou seja, lembrando o que disse Gilles Brougère (2001), apresentado no texto de FE da Unidade 7 do Módulo II, a criança brinca com o que ela tem às mãos e com o que tem na cabeça. Podemos dizer também que a criança constrói o conhecimento com o que ela tem nas mãos e no pensamento.

A avaliação: Durante todo o projeto, é fundamental o registro que indique os possíveis caminhos, aonde o grupo chegou nesse processo e que outros possíveis projetos podem surgir a partir do projeto que está em andamento ou acabando.



ATIVIDADE 10

Vimos que os projetos são uma forma de organização do trabalho pedagógico na qual atividades significativas se desdobram a partir de um mesmo tema. Pense no seu grupo de crianças. Quais são os interesses que você tem observado surgirem nesse momento? Do que elas gostam de brincar? Sobre quais assuntos têm mostrado curiosidade? Faça um levantamento dos interesses de seu grupo que poderiam ser transformados em projetos. Você acha que depois que começou o PROINFANTIL esses interesses têm se alargado?

Depois desse levantamento, organize o planejamento de um projeto, levando em conta a organização dos oito itens que acabamos de destacar:

1. Os objetivos
2. O tempo
3. O espaço
4. As questões e hipóteses das crianças
5. As fontes de pesquisa
6. As possíveis atividades e o envolvimento das crianças
7. Os materiais
8. A avaliação

Temos destacado que aquilo que a criança traz é muito valorizado no trabalho com os projetos. Portanto, o planejamento precisa ser flexível: a cada contribuição infantil, novas possibilidades se desdobram. No caso das crianças de 2 anos mais ou menos, seus interesses podem ser percebidos pelas suas brincadeiras, curiosidades e preferências. Diferente das crianças de aproximadamente 4 anos, que já possuem maior desenvoltura para se expressarem oralmente, a criança menor utiliza o corpo, movimentos e expressões. Mas, mesmo pequenas, as crianças expressam seus desejos e dão sugestões, principalmente quando se sentem autorizadas a fazê-lo.



Vamos ao mercado?

Num grupo de criança de 2 anos, a professora propôs um projeto que tinha como tema "As pessoas da minha família". Uma das propostas era trazer para a escola acessórios e roupas utilizados pelas pessoas da família para formarem um canto de dramatização na sala: bolsas, chapéus, gravatas, sapatos, sandálias, vestidos, camisas. Várias bolsas apareceram. Numa das saídas para o pátio, uma menina colocou a bolsa no ombro e disse que ia no mercado. Imediatamente a professora dirigiu-se para o grupo e perguntou: e aí, gente, quem quer ir ao mercado com a Melissa? Além de brincarem na sala com os acessórios vindos de casa, as crianças também passaram a se "produzir" para pequenos passeios imaginários pela creche.



ATIVIDADE 11

Que tal você observar um grupo de crianças de idade diferente das crianças com as quais você trabalha?

Seria interessante observar um grupo de crianças de 2 anos ou menos e descrever os interesses que observou. E, quem sabe, até esboçar um projeto para esse grupo. Aceite o desafio!

Seção 4 – Oficinas/ateliês: atividades diversificadas, organização de cantinhos, salas-ambiente

NESTA SEÇÃO, TEMOS COMO OBJETIVO:

- PLANEJAR A ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇOS, MATERIAIS, ATIVIDADES E INTERVENÇÕES, TENDO EM VISTA O TRABALHO DIVERSIFICADO, REALIZADO EM PEQUENOS GRUPOS, POSSIBILITANDO AS INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS E DELAS COM DIFERENTES MATERIAIS, TIPOS E FONTES DE CONHECIMENTO.

Na relação diária com as crianças, você já deve ter percebido que elas têm múltiplos interesses e que, se temos 15, 20 ou 25 crianças, é difícil que todas estejam envolvidas numa mesma proposta, ao mesmo tempo, durante as horas que ficam na instituição de Educação Infantil. Às vezes, quando propomos que todas desenhem ao mesmo tempo, que todas leiam ou folheiem revistas (ou livros) ao mesmo tempo, ou que todas brinquem na casinha de boneca juntas, por um lado, podemos ter o controle da situação, mas, por outro, muitas confusões e atropelos podem acontecer.

É claro que precisamos de momentos de integração do grupo como um todo, nas conversas na roda, combinação de regras, contação de histórias. Mas precisamos também garantir que elas possam escolher as atividades, transitar entre diversas formas de expressão, interagindo em subgrupos pequenos.

Considerando a importância de experiências significativas no cotidiano, como vimos na Seção 1, abre-se uma alternativa para o trabalho: a diversificação de atividades, com momentos em que as crianças escolhem o que vão fazer dentre as várias possibilidades. Isso pode ocorrer todos os dias na sua rotina ou em dias alternados, de acordo com seu planejamento.

Para isso, é preciso que estejamos atentos para a forma como organizamos a sala, o espaço de atividades e o tempo. A organização do ambiente em cantos é um bom caminho para incentivar o trabalho em subgrupos compostos por poucas crianças. Outra possibilidade é a organização em ateliês de trabalho.

Os ateliês de trabalho são espaços específicos, preparados para que as crianças trabalhem com os mais diferentes materiais e façam experiências e descobertas utilizando as mais diferentes linguagens. Esse tipo de valorização, de um espaço específico para essas atividades, tem origem na Pedagogia de Freinet. Recentemente, fazem parte da estrutura das escolas de Educação Infantil italianas, na cidade de Reggio Emília.

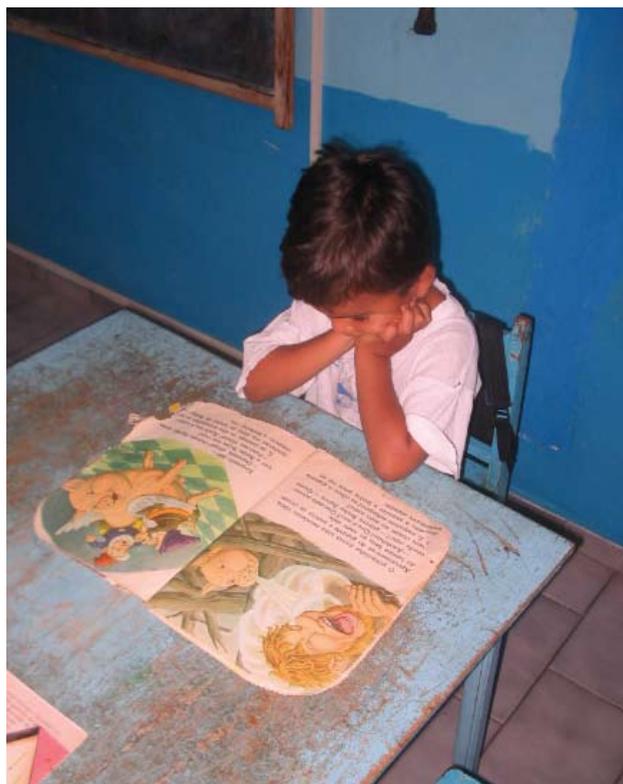
(MALAGUZZI, 1999)

Assim, no planejamento, podemos pensar num momento em que as crianças escolhem o que vão fazer, diante das alternativas que oferecemos na sala ou outro espaço disponível (por exemplo: brincar com bonecos, desenhar, jogar).

Se estamos vivendo um projeto, por exemplo, sobre as plantas que servem para fazer chás, enquanto alguns amigos pesquisam e desenham folhas dessas plantas recolhidas anteriormente, outros podem fazer outras coisas (brincar na casinha ou com jogos ou outras atividades ligadas ao projeto – plantio de algumas dessas ervas, manuseio de livros que falem do assunto). Depois, trocam-se as posições.

O trabalho com ateliês ou oficinas permite a exploração de várias linguagens e formas de atividade diferentes. Por exemplo, enquanto alguns amigos estão construindo brinquedos com sucatas, outros podem estar mexendo na terra e outros, jogando. Dessa forma, vivemos as várias dimensões do humano: corpo, linguagem, cultura, natureza, ao mesmo tempo em que possibilitamos às crianças a escolha e a liberdade. Quando finalizam um processo numa oficina, as crianças podem circular, indo para outra.

Vale considerar que você já pode ter sentido uma certa insegurança quando permitiu que as crianças escolhessem os materiais a usar ou tivessem à mão os brinquedos, pois alguns quebraram ou “acabaram” muito rápido. Outras vezes, se ficam muito tempo sozinhas num canto, pode acontecer alguma briga e, novamente, confusão. É! Isso às vezes acontece e a gente acaba organizando a sala com um grande espaço no centro e armários ou estantes encostadas nas paredes, tentando um controle das coisas e um controle das crianças. Algumas vezes os brinquedos são guardados no alto, longe das mãos delas. Apesar de nosso zelo pelos objetos ser importante, se queremos favorecer o desenvolvimento de crianças autônomas, responsáveis pelo que é de todos, precisamos realizar isso no dia-a-dia com elas.



Priscilla Silva Nogueira

Por exemplo, quando arrumamos a sala com cantos de trabalho, com materiais ao alcance das crianças, com a escolha de atividades por parte delas, incentivamos a constituição do cuidado de si e do outro. Além disso, incentivamos a capacidade da criança de fazer escolhas, responsabilizando-se também por essas escolhas. Este assunto será abordado mais adiante.

O cotidiano exige negociações, combinações de como arrumar, o que pode sair do lugar e conversas sobre a responsabilidade de todos pelos materiais. Provavelmente, algo será rasgado ou quebrado, e fará parte do trabalho conversar com o grupo sobre as regras, pensando coletivamente sobre por que do acontecido, como podemos fazer para não acontecer de novo e como reorganizar coletivamente o que saiu do lugar ou o que foi quebrado.

No texto de OTP da Unidade 7 do Módulo III, você estudou sobre a organização dos espaços da sua instituição. Seria interessante voltar a esse texto e olhar as atividades que você desenvolveu a partir do estudo. Em seguida, prossiga com as atividades abaixo:



ATIVIDADE 12

Como você imagina que pode organizar uma sala onde as crianças escolham materiais a usar, onde haja possibilidade para a atividade diversificada? Como seria essa organização? Você pode registrar esse exercício de imaginação no seu caderno.

ATIVIDADE 13

- a) *Agora, pensando na sua turma, que soluções e/ou problemas você imagina que vai ter para organizar a sala assim? Como poderá fazer para contornar esses problemas?*
- b) *Ou, se a sua sala já está organizada, levando em consideração as atividades diversificadas e a disponibilidade do material para o uso das crianças, o que tem dado certo e o que pode ser modificado?*

Se você trabalha com crianças maiores (4 a 6 anos), essa reflexão e as possíveis modificações podem ser feitas junto com a turma.

Enfim, num ambiente organizado de forma a atender interesses diversificados, podemos colocar num canto prateleiras com livros (que possam ser manuseados)

e revistas ao alcance das crianças e, na frente, um tapete, várias almofadas ou uma colcha que convidem à leitura.

Em outro canto, podemos arrumar um ambiente que imite a casa, normalmente conhecido por “casinha da boneca” (berços, geladeiras e bonecas podem ser feitos com papelão, panos e sucatas variadas). Esse canto pode ter divisões feitas por caixas grandes (que podem ser de papelão), criando diferentes espaços de uma casa: a cozinha, o quarto, a sala. Será sempre importante levar em conta a realidade das crianças. Ainda, num outro canto, podemos ter uma caixa (ou estante) com lápis e outros materiais disponíveis para desenho. Vale a pena termos também uma caixa com pequenas sucatas que podem servir à casinha e ao canto do desenho (as sucatas funcionam como pratinhos, mamadeiras ou suportes para desenhos e trabalhos plásticos – com elas podemos fazer um ônibus, um boneco).

Nesta arrumação, é possível pensar também nas diversas linguagens que estão presentes no nosso universo social e que são próprias da criança: plástica (desenho, modelagem, pintura, construção de objetos), musical, escrita e corporal. É interessante que o espaço atenda a essa variedade de formas de expressão. Podemos ter um canto ou caixa de instrumentos musicais (muitos – chocalhos e reco-reco – podem ser feitos com materiais reciclados) e um canto com massas e objetos para auxiliar na modelagem, dentre outros.

No dia-a-dia, precisamos prestar atenção para que o espaço se torne um lugar onde as crianças se sintam acolhidas, estimuladas à expressão e à ação. Provavelmente, se não podem tocar nas coisas, se não há um canto gostoso, se quase tudo é impedido a elas no espaço, ele não será sentido pelas crianças como lugar de prazer e de liberdade.

Vamos ler esse trecho da poesia de Manoel de Barros, que muito tem a nos dizer sobre o que é importante num espaço experienciado pelas crianças:

“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. Agente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade (...)” (ACHADOUROS, Manoel de Barros, 2003)



Na verdade, quando falamos do espaço de trabalho com as crianças, mais do que suas qualidades físicas (ser grande, ser pequeno, ser arejado), interessa percebermos quais as suas qualidades humanas: as crianças se sentem íntimas dele? Muitas vezes, um espaço pequeno fisicamente é sentido como muito grande e gostoso, porque acolhe a especificidade de cada um, contém fotos, trabalhos, locais para pertences pessoais, almofadas, objetos significativos para o grupo, elementos que indicam a identidade daqueles que experienciam aquele espaço.

O espaço de trabalho com as crianças não pode ser avaliado só por quanto mede, pela qualidade do piso e dos materiais. É importante que o chão seja lavável, que existam janelas, que haja estantes, mesas e cadeiras do tamanho das crianças, que tenha um mural ou varal para os trabalhos. Mas o mais importante é que seja um lugar que as crianças possam sentir como delas, onde possam perceber que seus movimentos, suas escolhas e seus desejos são bem recebidos! É fundamental que seja um espaço acolhedor, com “a cara das crianças” e do(a) professor(a) também!

Se observarmos as crianças e suas interações nos espaços e tempos da creche, pré-escola ou escola, veremos que situações vividas pelos adultos, por um ponto de vista são acolhidas pelas crianças com o seu jeito de imaginação e fantasia.

Esse jeito diferente de ver as coisas, está nas memórias do escritor mineiro Fernando Sabino, no romance *O menino no espelho*. Fernando Sabino nasceu em 12 de outubro de 1923 e veio a falecer no dia 11 de outubro de 2004.

Se olharmos para dentro de nós, também vamos ver nas nossas memórias, nossos jeitos diferentes de olhar os acontecimentos, tal como o menino Fernando.

O menino e o homem

Quando chovia, no meu tempo de menino, a casa virava um festival de goteiras. Eram pingos do teto ensopando o soalho de todas as salas e quartos. Seguia-se um corre-corre dos diabos, todo mundo levando e trazendo baldes, bacias, panelas, penicos e o que mais houvesse para aparar a água que caía e para que os vazamentos não se transformassem numa inundação. Os mais velhos ficavam aborrecidos, eu não entendia a razão: aquilo era uma distração das mais excitantes.

E me divertia a valer quando uma nova goteira aparecia, o pessoal correndo para lá e para cá, e esvaziando as vasilhas que transbordavam. Os diferentes ruídos das gotas d'água retinindo no vasilhame, acompanhados do som oco dos passos em atropelo nas tábuas largas do chão, formavam uma alegre melodia, às vezes enriquecida pelas sonoras pancadas do relógio de parede dando horas.

(SABINO Fernando, 1983, p. 13-14)

ATIVIDADE 14

Colocando-se no lugar das crianças, olhando para a criança que você traz na memória, que jeitos diferentes de ver o mundo você resgata? Você lembra de alguma situação em que você viu o que estava acontecendo de um jeito que era diferente dos adultos à sua volta? Essa é uma escrita que pode fazer parte do seu memorial.

O planejamento, antes de tudo, deve ser de vida e de prazer para as crianças e para os adultos que trabalham com elas. Por isso, terminamos como começamos – com Thiago de Mello:

Artigo III

*Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.*

Thiago de Mello



PARA RELEMBRAR

- Neste texto, vimos que o planejamento do nosso trabalho é fundamental para que possamos garantir que as atividades que propomos tenham continuidade e objetivos claros. As diferentes áreas do conhecimento precisam ser contempladas no dia-a-dia, estando sempre articuladas com os interesses e experiências infantis.
- Vale ressaltar que precisamos estar atentos para a não-fragmentação do conhecimento, percebendo de que forma podemos articular em um projeto desafios ligados aos diversos campos, tais como as ciências, a matemática, a linguagem, dentre outros.
- Vimos que o planejamento é um forte aliado no desenvolvimento de atividades que se desdobram entre si e permitem ao grupo viver a continuidade entre as experiências. É muito importante que estejamos atentos ao que as crianças trazem, falam e fazem, bem como que tenhamos claros nossos objetivos educacionais. Os projetos nascem desta articulação entre o que as crianças trazem – suas idéias, dúvidas, curiosidades, interesses – e o campo mais amplo de conhecimentos disponíveis no meio social e cultural.
- Nesta perspectiva, os projetos de trabalho constituem uma boa alternativa para organizar nossas experiências com as crianças. Eles têm como principal característica integrarem crianças e adultos em torno de um empreendimento ou uma investigação. Nos projetos, a participação da criança é fundamental!
- Para o bom andamento de um projeto, é preciso que o(a) professor(a) organize o tempo, distribuindo as atividades necessárias para sua realização ao longo dos dias, planejando o uso de espaço, a formação do grupo, privilegiando as indagações e hipóteses das crianças, pensando com antecedência nos materiais e fazendo o acompanhamento através da observação e avaliação constantes.
- O mais importante é garantir experiências significativas no cotidiano, diversificando as experiências, possibilitando diferentes associações entre as crianças, trazendo à tona temas de pesquisa e interesses infantis e abrindo espaços para a arte, a cultura, a troca, a brincadeira e tudo mais que possibilite a ampliação das possibilidades de expressão, conhecimento e desenvolvimento da criança.

ABRINDO NOSSOS HORIZONTES

Uma das características do trabalho do(a) professor(a) é a necessidade de estar constantemente buscando aprimorar seu conhecimento. Para tal, além da troca com colegas – momentos que podem ser muito ricos e significativos – é importante que você possa encontrar no estudo e na pesquisa um espaço de aprofundamento. Alguns livros trazem relatos de experiências que instigam, sugerem caminhos e fortalecem escolhas, fazendo pensar. É tão bom quando encontramos em nossas leituras apoio e estímulo para o desenvolvimento do trabalho que realizamos com as crianças no cotidiano!

As trocas com outros profissionais também são espaços valiosos para a nossa prática. Assim, procure conhecer como os(as) seus(suas) colegas professores(as) fazem o planejamento e troque idéias sobre esse processo.

GLOSSÁRIO

Conhecimentos legitimados: são aqueles saberes reconhecidos e valorizados socialmente, como a matemática, a linguagem, as ciências naturais e sociais.

Dinamicidade: qualidade do que é dinâmico, ágil.

Implementação: efeito de implementar, efetivar, concretizar uma proposta.

Indissociabilidade: o que não se dissocia, não se divide.

Mediador: que faz a relação entre dois termos.

SUGESTÕES PARA LEITURA

HERNANDEZ, F., VENTURA, M. *Transgressão e mudança na Educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MELLO, Thiago. *Os estatutos do homem*. São Paulo: Vergara & Riba, 2001.

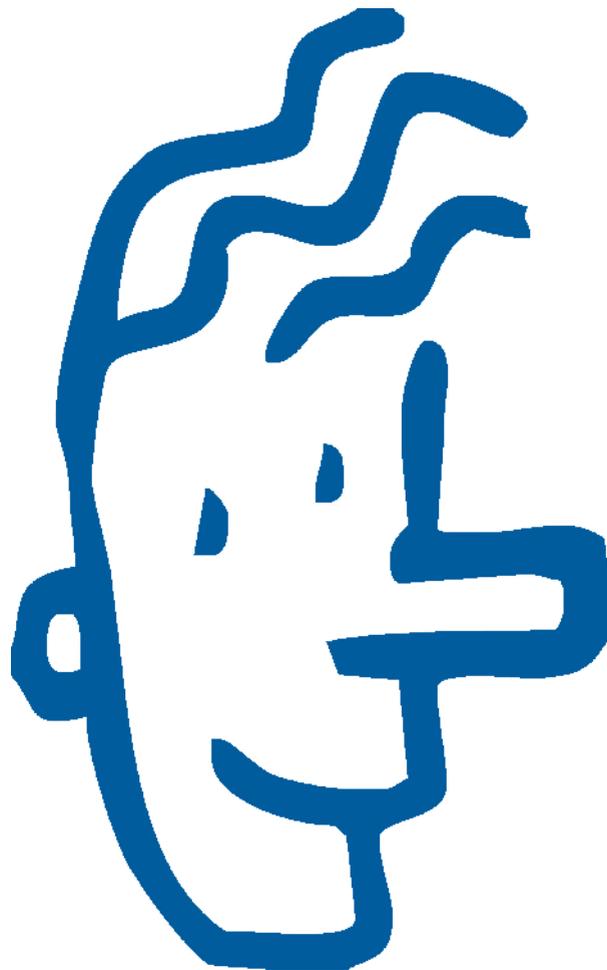
OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). *Encontros e encantamentos na educação infantil*. São Paulo: Papyrus, 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.
- BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. Coleção: Questões da nossa época, nº 43. São Paulo: Cortez, 2001.
- LOBATO, Monteiro. *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- LOBATO, Monteiro. *O Saci*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- LUCKESI, Cipriano. *Planejamento e avaliação na escola: articulação e necessária determinação ideológica*. In: *Série Idéias* n. 15. São Paulo: FDE, 1992. p. 115-125.
- MALAGUZZI, Loris. *História, idéias e filosofia básica*. In: EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella, FORMAN, George (orgs.). *As cem linguagens da crianças: a abordagem de Reggio Emília na Educação da primeira infância*. Porto Alegre: ARTMED, 1999, p. 59-104.
- MELLO, Thiago. *Os estatutos do homem*. São Paulo: Vergara & Riba, 2001.



C - ATIVIDADES INTEGRADORAS





Na Unidade 2 do Módulo IV, o planejamento foi o tema integrador entre os textos de FE e OTP. Discutimos a importância de levar em conta no planejamento: o contexto, a cultura, as diferentes áreas do conhecimento, mas principalmente as manifestações das crianças.

No texto de FE – “Princípios para planejar: a criança como protagonista” – você pôde rever o seu próprio planejamento e considerar alguns princípios que devem nortear a sua elaboração e implementação, levando em conta a importância da intencionalidade educativa no planejamento.

O texto de OTP – “Metodologia de intervenção: a criação de ambientes de aprendizagem e desenvolvimento” – deu continuidade à discussão sobre o planejamento, trazendo o projeto de trabalho como uma opção para o trabalho na Educação Infantil.

Levando em consideração a importância do planejamento no trabalho cotidiano com as crianças, propomos refletir sobre esse processo no encontro quinzenal.

Orientações para o encontro quinzenal

Antes do encontro quinzenal

- *Lembrando que estamos terminando o POINFANTIL neste semestre, faça uma retrospectiva desse tempo que você está estudando neste curso: O que mudou na sua prática? De que forma os estudos do PROINFANTIL têm ajudado o seu planejamento? Essa reflexão pode fazer parte do seu memorial.*
- *Em seguida, releia os textos de FE e OTP da Unidade 2, anotando suas dúvidas, questionamentos e comentários a serem compartilhados com o grupo.*
- *No texto de OTP, destaque a Atividade 10. Nessa atividade sugerimos que você esboçasse um projeto para o seu grupo. Leve o resultado dessa tarefa para o encontro. Pode ser, também, que você tenha realizado ou esteja realizando algum projeto e queira compartilhar com o grupo no encontro quinzenal. Você pode levar o planejamento do projeto, as produções das crianças, livros, músicas, enfim, tudo o que está envolvido no projeto.*

Durante o encontro

Nossa sugestão é:

- *Em um primeiro momento, cada professor(a) pode falar de como o PROINFANTIL tem influenciado a sua prática, destacando as questões mais importantes.*
- *Em relação aos projetos, pode ser feita uma exposição na sala e depois cada professor(a) apresentaria o seu projeto para o grupo.*
- *Falando em planejamento, talvez esta seja uma boa oportunidade para o grupo pensar, junto com o tutor, como será o encerramento do PROINFANTIL. Afinal de contas, estamos no Módulo IV! São quase dois anos juntos, estudando e compartilhando conquistas e desafios. Vai haver uma formatura? Uma festa? Podem convidar os familiares? Que tal unir-se a uma outra turma do PROINFANTIL que esteja perto de vocês? Poderia ter uma exposição dos trabalhos, memoriais, portfólios, fotos, projetos que narrem a história de vocês no PROINFANTIL? Poderiam escrever um texto coletivo, narrando o que foi o PROINFANTIL pra esse grupo. Bem, fica aí a sugestão e o desejo que este seja um momento muito especial na vida de vocês.*

Após o encontro

- *A partir das sugestões apresentadas no encontro, você pode levar para a sua instituição as idéias que surgiram sobre o planejamento e discutir com os(as) seus(suas) colegas de trabalho.*

